

Dante Cultural

Ano V - nº 12 - Julho/2009

ISSN 1980-637X



UM PENSADOR DA ARTE

Candido Portinari captou com ousadia a realidade brasileira e, sem deixar de se inspirar na pintura clássica, tornou nossa arte universal

Entrevista

Celso Loduca, um dos publicitários de maior sucesso no país, nosso ex-aluno

Perfil

Paulo Vanzolini: samba e ciência na carreira brilhante de um homem de moral

Música

O encontro de Vinícius de Moraes e Toquinho na Itália, que rendeu uma das parcerias mais importantes da música brasileira

Emilia-Romagna

Diversidade e riqueza na história e nos sabores dessa região italiana

Amar um filho também é saber
confiá-lo às pessoas certas.



Colégio Dante Alighieri

Ed. Infantil :: Ens. Fundamental :: Ens. Médio

Agora com **MATERNAL I** e opção de
PERÍODO INTEGRAL para Maternal II e Jardim.



Mensagem do Presidente

Pensar..., não descuidar!

Estava eu na infância. Disse-me mamãe um dia: 'Meu filho, antes de falar, pense; antes de se irritar, pense; antes de tomar uma atitude, pense'. O pensar, então, começou a participar da minha vida, sem pedir licença. Incorporou-se ao meu ser, como o açúcar que se dilui na água e adoça o paladar. Doce é o pensar!

Essa lição doméstica brotou daquela semente lançada no meu terreno da vida, no momento em que o solo recebia a semente que iria torná-lo produtivo.

Assim encontra-se no prelo o meu terceiro livro de pensamentos, que tem a apresentação de José Renato Nalini, presidente da Academia Paulista de Letras.

Registra, o ilustre apresentador, em certo trecho: "Quem é que hoje possui as condições propícias à contemplação do belo? Tudo parece absorvido na frenética rotina do agir desvinculado do pensar. A automatização do mundo não é fenômeno restrito às conquistas da ciência e da tecnologia. O próprio homem robotizou-se e, na preservação dos hábitos e da aparência, muita vez não sabe exatamente quem é. Louve-se, portanto, a perseverança do educador José de Oliveira Messina na continuidade da produção e na partilha de seus pensamentos. Constituem a síntese de constatações de um espírito sensível e sensato, observador dos fenômenos humanos e capaz de transmitir sua experiência de vida para propiciar o aprendizado das novas gerações".

Penso que o leitor desse livro, seja infante, seja adolescente, seja jovem, ou mesmo chegado à época mais madura, irá encontrar uma agulha magnética que se dirige para o Norte. Ele, o Norte, dependerá da posição em que o leitor se postar, que seguirá assim o rumo traçado pelo primeiro. Os pensamentos expostos no livro não distanciarão o leitor da realidade dos fenômenos da vida. Acredito que serão úteis para a meditação, que, praticada, irá ao encontro de boas soluções.

Os desencontros, verificados em princípio nos conceitos que se colocam como ponto de partida para as atividades sociais, geram a instabilidade que atinge a humanidade.

Nota-se, como pano de fundo, uma preocupação geral em torno dos fatos registrados diariamente e levados ao conhecimento de todos por meio da comunicação. Tão vasta é essa preocupação e, às vezes, impertinente, que contribui para o desequilíbrio dos seres menos preparados.

Somam-se delitos de todos os graus de periculosidade, com núcleo nos mais diversificados motivos e com ocorrência em todas as faixas etárias. Tudo indica que se tornam cada vez mais distantes os valores inerentes à saúde e à educação, aprimorados pela cultura.

Nesse particular, o campo vasto e fundamental da saúde está, em especial, cada vez mais árido. Tão árido que o brotar da infância não se revela nos padrões normais do crescimento. Disso decorre que, na fase educativa, por certo se verificarão deficiências intelectivas e motoras, que impedirão a formação dos componentes essenciais que permitem superar as dificuldades primárias.

O que se poderá aguardar, na sequência das demais etapas, quando o primeiro degrau não foi preparado para suportar os novos encargos?

O inspirado Dante Alighieri (1265/1321), lembrado pelo professor Miguel Reale em uma de suas aulas, ao definir "Direito" dizia: "Jus est realis ac personalis proportio omnis ad omnem quae, servata, servat societatem, corrupta, corrumpit" (Direito é a proporção real e pessoal de homem para homem, que, conservada, conserva a sociedade, e corrompida, corrompe-a). Com esse alerta proclamado há mais de seiscentos anos, que pensamento podemos formular ao leitor, dentro dessa mandamental definição, para o encontro do equilíbrio que devemos buscar para uma existência feliz?

Penso que seria o seguinte: Convivam, relacionando-se os homens sob o prisma da verdade e da solidariedade. A sociedade será conservada, a corrupção será vencida!

Por José de Oliveira Messina

AZ8

brindes & presentes



A Az8 Brindes oferece soluções personalizadas e o desenvolvimento de um trabalho de consultoria dirigido aos nossos clientes seja para presentear, fidelizar, posicionar sua marca ou alavancar novas vendas.
Consulte nossos especialistas.

◆ www.az8brindes.com.br ◆ 11 2937-8897 / 11 2937-5198 ◆

Carta ao leitor

Caros leitores:

Nascido em uma pequena cidade do interior paulista, segundo de doze irmãos, frutos do casamento de imigrantes italianos e consciente da necessidade da criação de uma arte legitimamente brasileira: esse é Candido Portinari, grande artista brasileiro, natural de Brodowski, o personagem de nossa matéria de **Capa**. Veja a reprodução de algumas de suas principais obras e conheça a trajetória desse homem fascinante desde o início de sua carreira, quando trabalhava como ajudante de artífices italianos na decoração da Igreja Matriz de sua cidade natal, até a confecção dos painéis *Guerra e Paz*, que decoram a sede da Organização das Nações Unidas, na cidade de Nova York.

Outros dois importantes artistas brasileiros têm suas vidas, ou a parte italiana delas, contadas neste número da DanteCultural. Vamos saber como se deu o nascimento da parceria entre Toquinho e Vinicius, que teve a Itália como palco. Foi lá que o jovem violonista fez a primeira gravação com obras do já consagrado músico e poeta, mesmo sem ainda conhecê-lo. Do posterior encontro surgiram uma série de composições, muitos discos e uma talvez inesperada, mas forte amizade entre o jovem músico e o poeta maduro.

E ainda falando de música, aproveitamos para comemorar os 85 anos de vida do compositor Paulo Vanzolini, no **Perfil** desta edição, que é dedicado a ele. Cientista reconhecido no exterior, mas mais famoso por aqui por sua música "Ronda" (da qual ele não é fã), conseguiu conciliar sua vida de músico com os seus trabalhos de pesquisa, e obteve sucesso nas duas carreiras.

Falaremos aqui também, na seção de **Cinema**, sobre a obra de um grande diretor, Roberto Rossellini. Sua carreira, que começou ligada ao fascismo, em seguida tomou outros rumos. Ele começou a fazer filmes onde usava não-atores em locações reais. Buscava a realidade, sem artifícios e falsas dramatizações. Surgia, assim, o neorealismo italiano. Nos últimos anos de sua atribulada vida, causou polêmica ao trabalhar para a televisão, defendendo-a como um meio para difundir a educação.

Na **Entrevista** deste número, o leitor conhecerá um pouco da trajetória do importante publicitário Celso Loducca, ex-aluno do Dante. Mais do que sua carreira, o entrevistado nos conta suas travessuras dos tempos de escola.

Na seção **Turismo**, faremos uma viagem pela Emilia-Romagna, conhecendo, entre outras cidades, Bolonha, com sua universidade, seus palácios e suas igrejas; Faenza e Ravenna. A *chef* Silvia Percussi dá uma pincelada sobre a gastronomia local e, é claro, dá as suas já esperadas receitas.

Além das recomendações da seção **Literatura**, que nos apresenta os livros *A chave estrela* (de Primo Levi), *Gomorra* (de Roberto Saviano), *Não se mexa* (de Margaret Mazzatini) e *Trabalhar cansa* (de Cesare Pavese), ainda vale a pena conhecer, na seção **Esporte**, a Bocha e o Tamboréu, jogos trazidos pelos imigrantes italianos para o Brasil. Não perca, também, o curioso **Ensaio fotográfico**, com imagens contendo as cores da bandeira italiana que o nosso colaborador Arthur Fujii captou pelas cenas paulistanas.

Tem sido uma satisfação muito grande participar da realização da DanteCultural, ao longo desses 12 números. Os assuntos relacionados ao tema da publicação, a divulgação da cultura italiana e da sua influência na brasileira, parecem inesgotáveis, e têm se mostrado muito interessantes. É este prazer que queremos continuar compartilhando com você, que nos lê.



Rodrigo Fornari

Desejamos uma ótima leitura!

Fernando Homem de Montes
Publisher

Notas 8

O novo livro da *chef* Silvia Percussi, a série de palestras do Dante e a apresentação da Camerata Fukuda

Entrevista 10

O publicitário Celso Loducca lembra os tempos de Dante e fala sobre a carreira

Capa 16

A vida e a obra de Candido Portinari, um dos artistas mais importantes do Brasil

Esporte 26

Bocha e tamboréu: modalidades que chegaram da Itália há quase cem anos

Literatura 30

Uma reflexão sobre literatura e o papel do trabalho na natureza humana em *A chave estrela*, de Primo Levi

Música 34

A parceria de Vinicius de Moraes e Toquinho, que nasceu em Roma e durou 11 anos

Cinema 36

O neorealismo de Roberto Rossellini, pai do cinema moderno

Perfil 38

Os 85 anos de Paulo Vanzolini, entre rodas de samba e a pesquisa científica

Espaço aberto 42

"(...) ele decidiu escrever uma carta em forma de música, de repente, do nada. Uma carta para ninguém ler, mas para ele ter sempre à mão."

Ensaio fotográfico 44

As cores da bandeira italiana nos detalhes paulistanos

Gastronomia 48

Criatividade e muita variedade em uma terra de gourmets

Turismo 52

Tradições acumuladas por diferentes civilizações que passaram pela Emilia-Romagna

Artigo/Educação 58

Como equilibrar a autoridade dos pais e a autonomia dos filhos

Memória 59

Álbum aberto



A Revista DanteCultural (ISSN 1980-637X)
é uma publicação do Colégio Dante Alighieri

- José de Oliveira Messina** - Presidente
- José Luiz Farina** - Vice-presidente
- Salvador Pastore Neto** - Diretor Secretário
- Adriana Berti Fontana** - 2ª Diretora Secretária
- João Ranieri Neto** - Diretor Financeiro
- Milena Montini** - 2ª Diretora Financeira
- José Piovacari** - Diretor Adjunto
- Francisco Parente Júnior** - Diretor Adjunto
- Sérgio Famá D'Antino** - Diretor Adjunto
- José Perotti** - Diretor Adjunto

Lauro Spaggiari - Diretor Geral Pedagógico

DanteCultural

Fernando Homem de Montes - Publisher
Marcella Chartier - Editora (jornalista responsável - MTb: 50.858)

Revisão: **Luiz Eduardo Vicentin**
Projeto Gráfico: **Nelson Doy Jr.**
Diagramação e arte: **Simone Alves Machado e Joyce Buitoni (assistente)**
Ilustração (seção Espaço Aberto): **Milton Costa**
Comercial: **Vinicius Hijano**
Colaboradores: : **Adriano De Luca, André Kameda, André Toso, Arthur Fujii, Daniel Lima, Edoardo Coen, Fernanda Quinta, Laura Folgueira, Lucas Nobile, Luisa Destri, Pedro Belo, Silvana Leporace, Silvia Percussi, Tadeu Brunelli**

Cartas
Mande suas sugestões e críticas para dantecultural@cda.colegiodante.com.br

Tiragem: 8.000 exemplares

Colégio Dante Alighieri
Alameda Jaú, 1061. São Paulo-SP
Fone: (011) 3179-4400
www.colegiodante.com.br



Dante em parceria
com a natureza

Notas

Boa música e novo curso para os alunos



João Florêncio

O ano letivo de 2009 começou com apresentações especiais no ginásio de esportes no dia 10 de fevereiro: a da orquestra do Instituto Fukuda e a da Camerata Brasileira, ambas formadas na Escola Fukuda de Música. Pais, alunos e professores assistiram a uma bela performance do grupo, com o som de violinos, violoncelos, violas, baixo e piano. A apresentação marcou, também, a parceria do Dante com o Instituto Fukuda. Desde o início do ano, o maestro Ricardo Fukuda passou a coordenar um curso livre ministrado para os alunos do Colégio. "Nós, do Instituto, que trabalhamos em família, ficamos muito felizes com o convite para fazer parte da família Dante Alighieri", afirmou o professor, que, no dia 10, regeu sua orquestra apresentando

"Passacaglia", de Luigi Boccherini, e "A chegada da rainha de Sabá, de G.F. Händel. A aluna Giuliana Garcia Maruca, do 5º ano do Ensino Fundamental, mostrou seu talento tocando violino. "Faço aulas desde os 5 anos", conta Giuliana, hoje com 9 anos. "Gostei muito de tocar no Dante. Convidei um monte de gente e fiquei feliz porque eles vieram", completa.

Já a Camerata Brasileira, que tocou em seguida, mostrou composições de Antonio Vivaldi e de Astor Piazzola, sob a regência do maestro Laércio Diniz. "A acústica do ginásio é muito boa, o público é culto e caloroso. Todos os músicos adoraram tocar aqui", afirma o maestro.

Encontros semanais e palestras para o corpo docente

Em 2009, a diretoria geral pedagógica do Dante passou a promover encontros semanais envolvendo todos os professores. Todas as terças-feiras, após o período vespertino de aulas, o corpo docente se reúne por uma hora e meia para refletir a respeito de questões relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem no Colégio em todas as séries - desde a Educação Infantil até o Ensino Médio.

"São palestras, encontros do corpo docente com as orientadoras educacionais e com os assistentes da diretoria de cada prédio e reuniões menores, com grupos de no máximo 15 professores por sala, em que são feitas leituras de textos e debates acerca das experiências dos responsáveis por diferentes séries e disciplinas", explica o diretor geral pedagógico, professor Lauro Spaggiari.

Entre as palestras, realizadas no auditório Miro Noschese, já houve a da consultora pedagógica,

especialista em Psicologia Escolar e Mestre em Educação, Roberta Jung Marcon; a da professora Valdenice Minatel, coordenadora do departamento de Tecnologia Educacional da Escola; a de Claudia Scheiner, especialista em Tecnologia da informação e diretora Executiva da Scheiner Solutions (empresa responsável pela implantação da lousa digital no Dante); a do professor Pasquale Cipro Neto, também apresentador do programa 'Nossa Língua Portuguesa', da TV Cultura; a do navegador Amyr Klink e a do jornalista especializado em ciência e escritor Marcelo Leite.

"A terça pedagógica tem permitido que nossos professores conheçam os colegas com os quais tinham pouco contato e o trabalho deles, ampliando o grau de informação e conhecimento de temas específicos do trabalho docente", conclui o professor Lauro.



João Florêncio



Bruno Fiorelli



João Florêncio

Chef Silvia Percussi lança livro com 100 receitas de funghi



O livro *Menu di funghi - 100 receitas de Silvia Percussi* (Editora Olhares - R\$ 75, 160 páginas), foi lançado no dia 28 de abril pela *chef*, colaboradora da Dante Cultural e especialista no assunto.

A ideia inicial, de reeditar seu primeiro livro - *Funghi - cozinhando com cogumelos*, lançado em 2000 - acabou sendo aprimorada, e o resultado é uma obra mais completa, com pratos clássicos e contemporâneos entre antepastos e pratos principais. Receitas de sobremesas também são apresentadas pela *chef*, e seu irmão, Lamberto Percussi (sócio de Silvia no restaurante Vinheria Percussi), indica os vinhos que se harmonizam melhor com cada menu.

O livro traz, também, um apanhado de informações a respeito dos tipos de funghi encontrados no Brasil e instruções sobre como fazer risotos, massas e caldos que são base de algumas receitas.

Divulgação



CURSO DE LÍNGUA ITALIANA

Período da manhã: das 08:00 às 9:30 horas

Período da tarde: das 14:30 às 16:00 horas

Período da noite: das 19:00 às 20:30 horas

Dias: 2ª e 4ª-feira, ou 3ª e 5ª-feira

Curso regular completo: 6 estágios (2 por ano)

2 Básicos • 2 Intermediários • 2 Avançados

1º Quadrimestre: de março a junho

2º Quadrimestre: de agosto a novembro

Valor do quadrimestre: em 4 parcelas mensais

Isenção de matrícula

Máximo de alunos por sala: 12

Qualificação: Certificado de Conclusão

ASSOCIAÇÃO DOS EX-ALUNOS DO COLÉGIO DANTE ALIGHIERI

Al. Jaú, 1.135 - Cerqueira Cesar - Cep: 01420-001 - Telefone: (11) 3284-6011

www.aeda.com.br aeda@aeda.com.br

Entrevista



Divulgação

Sem parar de aprender

O talento, a dedicação e a sorte de ter prazer com o trabalho fizeram de Celso Loducca um publicitário reconhecido e premiado no Brasil e no exterior, mas o sucesso consolidado não o acomoda - ele não perde a vontade de aprender um pouco de tudo, característica que carrega desde a adolescência

Por Marcella Chartier Imagens: Arquivo pessoal Celso Loducca

O entrevistado desta edição da DanteCultural tem 50 anos, 25 de profissão. Trabalha cerca de 12 horas por dia, todos os dias, presidindo uma das mais importantes agências de publicidade do país. Mas está bem longe de aparentar um homem cansado, estressado, aflito com o trabalho, como se poderia imaginar. O que se pôde notar durante a conversa que aconteceu em um espaço agradável, ao ar livre, na sede da Loducca, foi a serenidade de quem sabe que fez a escolha certa e ama o que faz. "Hoje eu sei que quem não tira prazer da profissão que tem, não vai ser bom de jeito nenhum", afirma Celso Loducca, ex-aluno que estudou no Dante de 1964 a 1975, onde combinou boas notas, obtidas desde a infância, a travessuras, digamos, bem elaboradas com os amigos, já na adolescência. "Uma vez soltamos um porco ensaboado no pátio, na hora do recreio", lembra.

Terminou o que hoje chamamos de Ensino Médio sem saber o que queria estudar. Antes de acertar na escolha da profissão, quis ser médico, arqueólogo, biólogo, químico e engenheiro (tendo começado a cursar todas as faculdades que levavam a essas carreiras). Foi pai cedo, quando ainda estava em dúvida a respeito de sua carreira futura, e por isso teve que começar a trabalhar logo, como professor de cursos pré-vestibular, até se lembrar que escrevia bem desde quando vencia os concursos de redação do Dante e encontrar a profissão que lhe daria sucesso e dinheiro para sustentar a família com tranquilidade. Daí em diante, tudo passou a dar certo. Depois de dois anos, já tinha seu primeiro Leão em Cannes, maior prêmio da crítica publicitária.

Hoje, além do sucesso conquistado, comemora direções da propaganda no Brasil, como o tratamento igualmente apurado que começa a ser dado às campanhas de produtos direcionados a classes sociais mais baixas e a exigência de maior transparência e ética por parte dos consumidores. "Hoje, cuidar dos outros, do planeta, não é só opção de vida, mas de negócio, porque senão você será rejeitado pelo consumidor", diz.

Apesar de tanta dedicação ao trabalho, Celso faz questão de manter a proximidade com a família, passar boa parte de seu tempo de lazer em sua fazenda, tratando seus bichos, e sempre comemora o aniversário em uma viagem com os filhos. Viajar, aliás, é mais uma de suas paixões, relacionada ao desejo que mantém de conhecer e aprender um pouco de tudo. "Gostaria de falar todas as línguas do mundo, ler todos os autores que me interessam nas suas línguas próprias, viver e sentir a cultura de praticamente todos os países do mundo, conhecer as diferenças, as pessoas, no final é para isso que serve a vida", afirma nosso entrevistado.

Quais são as suas lembranças dos tempos de Dante?

Tenho um monte, de várias épocas. Lembro muito das aulas de música do professor Callia, eu tinha muito medo dele, tínhamos que solfejar, era uma tortura. Lembro também que tinha aulas de etiqueta e não me dei muito bem.

Era bom aluno?

De uma maneira geral sim, no primário e no ginásio (*hoje Ensino Fundamental*) era mega bom aluno.

Mas no colegial (*hoje Ensino Médio*), dependia do professor. Tinha a Yazaki, professora de Química que acho que não gostava de mim; o Cesar Sasson, que me trouxe uma paixão por Biologia... Eu devo muito ao Dante. Era um colégio muito rígido, e a minha turma do colegial era bem bagunceira. Uma vez, soltamos um porco ensaboado na hora do recreio. Em outra, compramos muitas daquela bolinha preta, que pulava, se chamava 'perereca', e ovos que pintamos de preto também. Soltamos as



Enquanto ainda procurava descobrir a carreira profissional que seguiria, o ex-aluno se lembrou da facilidade que tinha para escrever, que lhe rendeu mais de uma vitória no Concurso de Redação do Dante, na época chamado de Concurso Literário Estudantil. Foi um estímulo para se tornar comunicador



pererecas no pátio, todos ficavam atrás delas, e então soltamos os ovos. Acho que foi em setembro que fomos dispensados do colégio pra não aparecer mais.

Agora, aprendi muito, de verdade. Sei escrever bem por causa do Dante, tenho compreensão de Física, Química e Biologia devido ao Dante. Fui muito bem formado. Tinha professores que me indicavam livros que foram muito importantes na minha vida.

Depois de se formar no Colégio, você começou seis faculdades, não é?

É, comecei. Até 1975, achava que ia ser médico. Prestei Medicina e Biologia. E não entrei na USP em Medicina por causa de Química. Fiquei com tanta raiva disso que pensei: agora vou superar essa história. Aí no outro ano fiz cursinho junto com a faculdade de Biologia. Fui primeiro lugar em todos os simulados, desde o começo. E entrei na faculdade que quis, mas aí não queria mais ser médico. Escolhi essa opção achando que eu ia acabar com a desgraça humana, uma questão meio ingênua. Descobrir a cura do câncer, salvar a pátria...mas comigo não tinha nada a ver.

Aí prestei Engenharia, Física, Química. Ainda tentei Psicologia antes de passar para as comunicações.

A pior colocação que peguei nos vestibulares foi o terceiro lugar. Eu ainda dava aula de Química e de Biologia em cursinho pra ganhar uma grana, porque tinha saído de casa para morar sozinho. E enquanto isso ia estudando, ainda não sabia o que queria. Era muito novo para decidir. Acho que saber o que você quer fazer da vida com 17 anos de idade é meio difícil. Minhas filhas, as três mais velhas, foram passar um ano fora do país quando acabaram o colegial. Mas enfim, naquele tempo, parece que as pessoas tinham mais certezas. Acabei encontrando a comunicação sem querer. Foi uma necessidade, mais que uma vontade, de ganhar dinheiro, porque nesse meio tempo passei a morar com uma moça, tive uma filha, depois me separei, e dava 90% do que eu ganhava como pensão. E já dava aula de manhã, tarde e noite. Tinha trancado a faculdade. Aí lembrei que ganhei alguns concursos de redação lá no Dante. A cerimônia era no pátio, eu lá em cima das escadarias. Pensei: 'poxa, faz tempo que as pessoas acham que eu escrevo bem. Eu gosto de escrever, vou ganhar dinheiro com isso. Pensei em ser jornalista ou publicitário. E como o assunto era dinheiro, escolhi ser publicitário (*risos*). Aí prestei vestibular para Comunicações, parei de dar aula à noite, comecei a ESPM, e no segundo semestre já estava fazendo estágio. Consegui, depois, em 1983, um estágio na agência Standard, para ficar por três meses. Depois desse período, eles me contrataram, mais ou menos com o mesmo salário que eu tinha como professor. Já valia.

Você pensou em arqueologia também, não?

É, antes de ser médico. Foi por causa de uma aula de História no Dante, sobre Egito. Só desisti porque todo mundo falava: 'Mas arqueologia, no Brasil? Não tem campo'. Naquela época, ou você era médico, ou engenheiro, ou advogado. O resto era tudo profissão de gente esquisita, mesmo propaganda.

Você também produziu shows do Arrigo Barnabé...

E do Itamar Assumpção, do Sá e Guarabyra... quando eu era professor, acabei produzindo shows no cursinho aos sábados com os alunos, e depois mais profissionalmente, até que produzi um show bem grande com amigos da faculdade de Engenharia. O show chamava Forró Brasil, tinha Dominginhos, Oswaldinho, Luiz Gonzaga e Sivuca os quatro sanfoneiros tocando juntos pela primeira vez. Foi no estádio da Portuguesa e lotou, tinha milhares de pessoas. Como não tínhamos estrutura, terceirizamos o serviço dos ingressos, e essas pessoas nos roubaram. Quebramos, e passei anos pagando a dívida aos artistas. Vendi até meu fusquinha e perdi a vontade de produzir shows.

Você passou a ter, depois de se estabelecer como publicitário, uma rotina?

Não tenho uma rotina de assuntos, mas uma

veio também por uma pressão econômica, porque agora a classe C está consumindo mais, por isso as empresas a estão tratando melhor. Eu fico feliz, então, ao ver que aquilo em que eu acredito agora também dá dinheiro.

Você deu um curso na Casa do Saber com o Fernando Meirelles recentemente. Quería que falasse um pouco a respeito desse tipo de trabalho, também.

Sou um dos sócios da Casa do Saber. Eu que trouxe o Fernando para a propaganda, ele fazia programas de televisão. Chamei ele e o Tas (*Marcelo Tas, apresentador do programa CQC, da TV Bandeirantes*) para fazer propaganda da Estrela, uma das contas de que eu era o criativo, o redator. Muito tempo depois patrocinei o *Domésticas*, primeiro longa metragem dele, e o *Cidade de Deus*. O pessoal da Casa resolveu então fazer um curso no formato de entrevista, dois amigos se entrevistando, e parece que as pessoas gostaram. No semestre que vem vou fazer de novo, agora com publicitários e um diretor de cinema, o João Daniel Tikhomiroff que vai lançar um longa entre setembro e outubro. A Casa do Saber é um projeto de sete sócios e ninguém tira um tostão, o lucro é reinvestido na casa.

Em relação à sua carreira na publicidade, existe algum trabalho que você fez e não gostou?

Que eu rejeite não tem, de verdade. Mas tudo o que eu já fiz, poderia ter feito melhor. Sempre tive a sorte de trabalhar em agências boas, com clientes e

peçoas muito boas que acho que me impediram de fazer grandes besteiras. Posso não ter ajudado meu cliente tanto quanto podia, mas não há nada de que eu tenha vergonha. Mas minha carreira foi muito rápida, com dois anos eu já tinha um leão em Cannes. Eu saí do zero, não sabia quem era o Washington Olivetto, trabalhava na Standard ao lado de caras mega premiados e, para mim, eles eram como o ascensorista. Sempre fui assim, até hoje não respeito muito as pessoas só pelos seus cargos, mas nesse momento, era ignorância minha.

E de que trabalho você considera seu auge até agora?

A hora em que eu me sentir no auge, estarei em casa. Hoje tenho uma condição de poder trabalhar por gosto, não mais para pagar pensão. Tenho quatro filhos. Se eu não perceber que não posso mais trabalhar, um dia, espero que me avisem, todo mundo em algum momento cai. Eu espero perceber. Aí fico lá cuidando dos meus bichos na fazenda.

O que tem mudado no seu trabalho com a consolidação das novas tecnologias e a mudança na estrutura do processo de comunicação, em que a participação das pessoas que antes eram receptoras de informação é cada vez maior?

Não mudou o ofício: entender as pessoas, as marcas, e arranjar uma maneira boa de elas se relacionarem. Mudou a maneira de materializar isso. A internet, que tem propiciado a via de duas mãos, não muda de novo a essência da profissão, mas a amplia, o que é mais legal: agora existe uma



*Aula de Artes
no primário
(hoje Ensino
Fundamental I)*

interação que torna a coisa mais rica. Menos controlável, menos previsível, mas mais rica. Acho que as pessoas ainda não deixaram de ser passivas, estão deixando, é um processo que está acontecendo. As empresas têm que saber reagir a isso. Elas são obrigadas a ser mais transparentes. A transparência e a ética passam a ser valores quase que obrigatórios, porque senão é mau negócio. Antes, você podia ser ético por opção de vida. Hoje, agir com ética, cuidar dos outros, do planeta, não é só opção de vida, mas de negócio, porque você será rejeitado pelo consumidor. À medida que aumenta a consciência dele, a sua participação, as empresas têm que melhorar. Por enquanto está caminhando para isso, mas sei que pode não ser definitivo.

O que você diria para alguém que deseja começar na publicidade? É o curso mais concorrido no vestibular...

Existe uma ilusão. Mas trabalha-se muito, não é sempre a beleza que todo mundo imagina. Eu tenho prazer porque, por alguma razão, funcionou muito bem com a minha personalidade. Uma das coisas que sempre me animou nessa profissão é que, se você é bom de verdade, tem talento, vai se dar bem. Não é tempo de serviço, politicagem... Claro que em alguns lugares isso rola, mas você não se sustenta por muito tempo. A questão é descobrir se você é talentoso ou não, e isso é difícil e demora.

Acho que é cedo para escolher a profissão com 16, 17 anos, mas não para ter informações mais reais sobre as profissões. As faculdades estão completamente descoladas da realidade você aprende muito mais sobre propaganda em três meses numa agência do que em quatro anos de faculdade, e isso serve acho que para quase tudo talvez para Medicina seja um pouco diferente mas para Jornalismo também tenho certeza de que é assim. E as escolas ainda estão muito pautadas pelo vestibular, elas fazem uma pré-escola e um primeiro grau mais humanista e depois se esquecem um pouco disso. Eu sei que isso é pressão dos pais, não necessariamente uma vontade da escola. Mas é uma atitude que deixa de abrir a cabeça das pessoas, fazê-las descobrirem seu talento. Quando saímos do colégio, estamos inseguros, não sabemos para que servimos. Não sabemos direito se aquilo que nos dá prazer vai ser uma profissão ou não, e hoje eu sei que quem não tira prazer da profissão que tem não vai ser bom de jeito nenhum.

Você já passou por algum dilema ético na carreira?

Nunca fiz nada que eu achasse que estaria fora do que acho que é motivo de orgulho para mim. Mas já me vi em situações onde pude reafirmar minhas convicções, perdi muito dinheiro por isso, por não fazer coisas que não queria fazer. Meço minha vida pelos últimos minutos dela. Para mim, o que



Celso guarda álbuns de sua infância no Colégio e se lembra de professores de diferentes fases. "Eu tinha medo do professor Callia, de Música, porque tínhamos que solfejar e era uma tortura". Na foto abaixo, ele é o menino que está ajoelhado, à esquerda



interessa são esses últimos minutos de vida e como eu vou olhar pra trás, me avaliar. Quero, nos meus dez minutos finais, ter a certeza de que vivi do jeito que eu acredito. E se eu não tiver essa sensação no final, vou me arrepender muito.

O que você gosta de fazer quando não está aqui na agência?

Minha família, meus filhos, me dão um prazer absurdo. É até exagerado, minhas filhas me dão presente de dia das mães, só para você entender como isso funciona. Meu aniversário é sempre uma viagem com meus filhos. E a fazenda, eu adoro ter e tratar meus bichos. Tenho muito cachorro, mas também porco - que anda pela casa da fazenda como os cachorros -, tenho carneiro. Sou meio São Francisco...*(risos)* Não sou de sair, não sou o cara mais sociável do mundo, sou conhecido pela minha ausência em eventos sociais, até. Mas adoro meus amigos.

O que falta para você realizar, pessoalmente e no trabalho?

Um monte de coisa. É um processo que espero que não acabe. De melhora, compreensão do mundo, das pessoas, das coisas, espero que eu tenha a capacidade de ampliar isso sempre. Gostaria de falar todas as línguas do mundo, ler todos os autores que me interessam nas suas línguas próprias, viver e sentir a cultura de praticamente todos os países do mundo, conhecer as diferenças, as pessoas, no final é para isso que serve a vida. Enfim, queria aprender. Meu maior prazer é esse.

Capa

Os olhos azuis de Brodowski

Nascido no interior de São Paulo, o pintor Candido Portinari revelou o país aos brasileiros e se entregou à arte em favor da humanidade, carregando nas veias a herança renascentista

Por Fernanda Quinta

Alexander Brodowski era polonês, mas deu nome a um dos berços da imigração italiana no interior do estado de São Paulo. O engenheiro esteve à frente da Companhia Mogiana na construção do gérmen da cidade, em 1894: a estação de trem, incrustada entre fazendas de cafezais. Foi ela quem trouxe, já no ano seguinte, mais de 350 italianos vindos do porto para trabalhar na posteriormente chamada terra *rossa* (vermelha, em italiano). A abolição da escravatura e a exigência da mão de obra assalariada incentivaram a vinda desses estrangeiros, que fugiam do desemprego, da fome e da miséria na Europa do fim do século XIX. Em especial, duas famílias de camponeses da província do Vêneto cruzaram o oceano Atlântico e radicaram-se bem ali. Delas surgiram os pais do artista que dedicou sua arte à vida, Candido Portinari.

Portinari e a esposa, em 1948, época em que o casal e o filho se refugiaram no Uruguai porque o artista sofria perseguições, já que era membro do partido comunista - cassado pelo governo Dutra. O exílio durou dois anos

Giovan Battista Portinari (Baptista), de Chiampo, e Domenica Torquato (Dominga), de Bassano, ele com 18 anos, ela com 13, à época, conheceram-se na Fazenda Santa Rosa, e não demoraram muito para se casar, dando início a uma família com 12 filhos: Paulino, Candido, Pellegrina (Tata), Antônio, Maria, Ida, Julieta, Luiz, Geni, Olga, Ines e Osvaldo. Foi em 1903, a 30 de dezembro, no frescor daquela vila de três ruas de terra, a 849 metros do nível do mar, que nasceu o menino Candinho. Os fundos da casa em que moravam ficavam à beira da estrada, a hoje asfaltada e conhecida rodovia Candido Portinari, ou SP-334, a 20 minutos de Ribeirão Preto. Bem de frente para a praça, a residência se transformaria, décadas mais tarde, no Museu Casa Candido Portinari. Naquela época, as crianças brincavam de papagaio, pião, estilingue, futebol, circo, pique, amarelinha, nas praças ou pelas amplas ruas de baixo, do meio e de cima, como eram chamadas as atuais Floriano Peixoto (principal), General Carneiro e Vereador José Sabino.

Imagem do acervo do Projeto Portinari

campo, Candinho estudou somente até o terceiro ano do curso primário, dada a necessidade de ajudar na lavoura. Desde pequeno, porém, mostrou interesse pelas artes. Dona Benedicta Bueno Sahadi (dona Tita), hoje com 102 anos, a senhora mais idosa de Brodowski, lembra que seu tio dava aulas para o Candinho, e que o menino fazia as tarefas de escola rapidamente para logo começar a desenhar. "A habilidade do menino era notória", conta a museóloga Angelica Fabbri, diretora do Museu Candido Portinari. "Ele trocava lanche com as crianças no recreio por desenho e pedia papel nas vendas para desenhar". Foi em 1918, aos 15 anos, que pegou pela primeira vez em um pincel, na função de um dos ajudantes dos artífices italianos que trabalhavam na decoração da Igreja Matriz. "Ele tinha uma dedicação muito grande ao trabalho. Chegava muito cedo, não queria parar, tinha se identificado com aquilo", complementa Angelica, cuja família está há mais de 100 anos na cidade. Infelizmente, a restauração do templo, décadas mais tarde, não deixaria vestígios de seus traços. Portinari foi para o Rio de Janeiro ainda com 15 anos e desde então viveu na capital carioca. Começou a estudar no Liceu de Artes e Ofícios para dominar a técnica do desenho e só em 1920 ingressou na Escola Nacional de Belas-Artes, onde iniciou os estudos de pintura, tendo aulas com Rodolfo Amoedo, Rodolfo Chambelland e João Batista da Costa. Nesse tempo, Candinho vivia praticamente sem recursos e sofria preconceitos. Sua participação inicial nos salões de arte da Escola Nacional rendeu-lhe premiações por seus retratos, que o fizeram aparecer na imprensa carioca pela primeira vez. Com o *Retrato de Olegário Mariano* conquistou o primeiro prêmio do salão de 1928. Segundo a pesquisadora Annateresa Fabris, o jovem artista já se mostrava consciente da tarefa que cabia à sua geração: a criação de uma arte legitimamente brasileira. O jovem acreditava que isso só seria possível com uma entrega total à interpretação do meio onde viviam. A primeira obra de temática brasileira foi o emblemático *Baile na roça*, pintado em 1923, e recusado no salão de 1924. Diferentemente dos retratos, ela aproximava-se do impressionismo, fugindo ao convencionalismo acadêmico. Apesar disso,





Baile na roça, de 1924 - A primeira obra de temática brasileira do artista. As pessoas representadas realmente existiam, em Brodowski - o homem do cachimbo, aliás, seria o pai de Portinari. Este quadro foi perdido e, apesar de o artista tê-lo procurado por anos, ele só reapareceu em 1980, após sua morte

Portinari defendia o conhecimento clássico. Era preciso saber a gramática para ousar com sabedoria.

Observar para criar

Foi um dos retratos premiados que o fez ganhar uma viagem à Europa, em junho de 1929, momento crucial que o faria definir sua própria linguagem. Durante os dois anos seguintes dedicou-se a observar em museus a arte do passado e a estudar em galerias as novas produções. Entrou em contato com obras de Michelangelo e Leonardo, Botticelli e Velázquez, Picasso e Veronese, além do alemão Mathias Grünewald. Portinari pretendia pensar a arte para poder fazê-la. Não se preocupou naquele intervalo em produzir. Nessa reflexão, mesmo à distância, lembrou de Brodowski, sua terra natal.

O artista buscava o espírito brasileiro ao valorizar suas origens, o seu povo, a sua natureza. Percebeu que a sua arte deveria ter um cunho social. "Você poderia olhar a obra do Portinari como uma espiral - do regional para o universal. Tolstói dizia: 'Se queres ser universal, comeces por pintar a tua aldeia.' Ele fez literalmente isso", afirma João Candido Portinari, o único filho do pintor, que hoje coordena o Projeto Portinari (leia box com entrevista). Em uma carta daquele período, Portinari chegou a escrever: "A paisagem onde a gente brincou a primeira vez e a gente com quem a gente conversou a primeira vez não sai mais da gente, e eu quando voltar vou ver se consigo fazer a minha terra".

Foi em Paris que conheceu a uruguaia Maria Victoria Martinelli, com quem se casou e foi morar no Rio de Janeiro, onde nasceu João Candido, a 23 de janeiro de 1939. No retorno ao Brasil, Candido começou a produzir abundantemente e, sempre que podia, viajava para Brodowski para visitar a família.

Entocado em seu ateliê no interior paulista, não parava de produzir. Ao pintar a série *Meninos de Brodowski*, de 22 desenhos, certa vez Portinari chamou o pequeno Arduíno Morando, então com

10 anos, e lhe pediu que sentasse em uma cadeira usando um chapéu de palha para desenhá-lo. Vivendo próximo à praça onde brincava de papagaio com João Candido, Arduíno, hoje com 71 anos, e à frente de sua serralheria, recorda-se da época com saudades. "Depois da escola, eu tomava banho, jantava e ia com a minha mãe para a casa de dona Dominga. Elas tricotavam até mais tarde e eu fazia lição. Quando Candinho vinha pra cá, dona Dominga dedicava-se a ele, e eu brincava com João", conta. Filho de pai italiano de Verona, Arduíno se lembra de um Portinari muito humilde, sistemático com o próprio trabalho e severo. "Ele chamava a atenção da gente quando tinha que chamar".



O Museu Casa de Portinari, que funciona desde 1970 em Brodowski, conserva ambientes e detalhes do lugar onde viveu um dos artistas mais importantes do Brasil





Podem ser vistos na casa-museu até mesmo o material de pintura de Portinari e seus sapatos, que denunciavam uma peculiaridade do artista: ele tinha a perna direita mais curta que a esquerda



Fernanda Quintana

Uma casa a serviço da arte

Entre as reformas e ampliações que promoveu na casa da família, em Brodowski, Candinho surpreendeu sua avó paterna Pellegrina, que havia quebrado o fêmur e, desde então, acamada, não podia mais ir à missa. Assim é que construiu uma capela, anexa ao quarto dela, cujos santos, pintados à têmpera (quando se mistura a tinta em água) tinham as feições de familiares e amigos. Foi ela quem incutiu em Candinho o respeito pela

religião. A capela continua lá e está aberta à visitação, dentro do Museu Casa de Portinari, que foi inaugurado em 1970. Ali, onde a família viveu, os amplos ambientes estão conservados para os visitantes conhecerem a trajetória do artista. "Ele é um potencial inesgotável de descobertas e principalmente de identifica o", suscita Angelica. "Para além do artista plástico, de origem humilde, ele descobriu o próprio talento e lutou para superar as dificuldades e desenvolver uma carreira".

Os jardins bem cuidados, projetados pelo artista, mantém p s de jabuticaba e roseiras da época. As portas de madeira, pintadas de um azul-escuro   Portinari, são as guardiãs das obras realizadas nas paredes da casa em técnicas como a têmpera e o afresco, rico material que elevou a casa   categoria de patrim nio histórico e artístico. O aroma de café que vem da administra o reforça o convite a uma viagem no tempo, feito pelo fogão à lenha, as cadeiras empalhadas por seu Baptista e a máquina de fazer café, presente de Portinari   família quando de sua viagem   Itália. Há objetos pessoais como as malas de viagem e alguns peculiares pares de sapatos, que corrigiam sua perna direita, quatro centímetros mais curta que a esquerda.

Em frente ao museu, na praça Candido Portinari, está a primeira igreja de Brodowski, a de Santo Antonio, de 1905, onde o artista pintou, em 1942, a imagem do santo com a condi o de que a tela não fosse removida do altar da capela. A obra é a preferida de dona Tita, senhora de olhos azuis e rosto delicado, de falar pausado, habilidosa no croch . Nasceu pouco depois de Portinari, em 1907, e vive ali desde criança. Filha de mãe italiana

Sagrada Família, de 1952 - A religiosidade também esteve presente na carreira do artista. Esta obra foi executada para decorar uma igreja, a do Senhor Bom Jesus da Cana Verde, em Batatais, São Paulo

DanteCultural



Imagem do acervo do Projeto Portinari



3779 - Morro, de 1933 - Esta representação do morro carioca não agradava Portinari, que quis destruí-la. Mudou de ideia, e hoje esta obra está no Museu de Arte Moderna de Nova York

da região da Toscana, casou-se com o libanês José Sahadi, o Zé Torquinho, um amigo de Candinho também habilidoso com as tintas. As pinturas de Zé Torquinho eram mais carnavalescas e encantavam João Candido, que, na época, brincava na casa de dona Tita. "Isso é que é pintura, não aquilo que meu pai pinta", comentava o menino, de quem dona Tita recorda a revelação.

As reminiscências da infância e das ruas de terra estão presentes em todo o período de criação do artista. Os bailes e as brincadeiras de criança, a banda de música que tocava no coreto da cidade, as procissões e os casamentos, a chegada do circo. As lembranças tristes também eram temas de suas pinceladas: os enterros, os retirantes, os espantalhos, as assombrações. Ousava nas experimentações, atendo-se não apenas ao óleo sobre tela. Ele queria captar as diversas realidades sociais e econômicas, os inúmeros tipos étnicos, a alma do povo brasileiro. Para isso valeu-se principalmente da pintura muralista. No total, foram mais de 5 mil obras. Seu primeiro mural, criado em 1936 para integrar o Monumento Rodoviário da Estrada Rio-São Paulo, na rodovia Presidente Dutra, pode hoje ser visto no Museu Nacional de Belas-Artes. Logo em seguida, convidado pelo ministro Gustavo Capanema, pintou os ciclos econômicos do Brasil em painéis que decoram o Palácio Capanema, antigo Ministério da Educação e Saúde Pública.

Portinari foi o primeiro modernista brasileiro a ser premiado no exterior. Foi com o quadro *Café*, que recebeu, em 1935, o prêmio do Carnegie Institute de Pittsburgh. No mesmo ano, tornou-se docente no Instituto de Arte da Universidade do Distrito Federal, lecionando pintura mural e de cavalete para alunos como o arquiteto-paisagista Roberto Burle Marx. Logo depois, o quadro *Morro* foi adquirido pelo Museu de Arte Moderna de Nova York. Em 1941, pintou os painéis que adornam a Biblioteca do Congresso, em Washington, D.C., de temática

brasileira: *Descobrimento*, *Desbravamento da mata*, *Catequese* e *Descoberta do ouro*. Ao longo dos anos seguintes, expôs em cidades estadunidenses e nos vizinhos Argentina, Uruguai, México e Peru, além de Alemanha, Itália, França, Israel e Tchecoslováquia.

Engajamento obstinado

No cenário mundial, a Segunda Guerra chegava ao fim em 1945, assim como o governo autoritário de Getúlio Vargas e seu Estado Novo. E Portinari, em busca da paz e do fim das injustiças, buscava na política uma alternativa paralela ao seu trabalho de pintor. Ingressou no Partido Comunista Brasileiro (PCB) e candidatou-se a deputado estadual por São Paulo, sem sucesso. No ano seguinte, tentou a vaga de senador, recebendo o apelido de Senador Furtado ao fim das eleições, porque houvera uma suspeita de fraude na contagem dos votos. Indagado pelo amigo Vinicius de Moraes sobre sua posição política, Portinari respondeu: "Não pretendo entender de política. Minhas convicções, que são fundas, cheguei a elas por força da minha infância pobre, de minha vida de trabalho e luta, e porque sou um artista. Tenho pena dos que sofrem, e gostaria de ajudar a remediar a injustiça social existente. Qualquer artista consciente sente o mesmo".

Após a cassação do PCB pelo governo Dutra, em 1947, Portinari refugiou-se no Uruguai com a família. "Meu pai estava sob risco físico mesmo. A coisa estava feia", relembra João, que tinha apenas 9 anos quando passaram dois anos fora do Brasil. De 1939 a 1962, Portinari foi investigado por participação em movimentos pela paz que, segundo a polícia política, significavam atividades comunistas. "A luta política de Portinari era uma luta constante pela paz", ressalta o filho.

Não à toa, paralelamente, foi convidado pelo Itamaraty a realizar os dois painéis de maior relevância para o artista, *Guerra e Paz*, que decoram

Criança morta,
de 1944 -
Uma obra da
série *Retirantes*,
denunciando a
miséria brasileira.
Está no Masp,
em São Paulo



Imagem do acervo do Projeto Portinari

a entrada da sede da ONU, em Nova York. Com a ajuda de Enrico Bianco e Maria Luíza Leão, confeccionou 180 estudos, esboços e maquetes durante 4 anos para, em seguida, dar cores aos 14 metros de altura e 10 metros de largura de cada uma das obras. Um trabalho de 9 meses. A instalação ocorreu em 1957 e, infelizmente, Portinari não assistiu à inauguração porque foi impedido de entrar no país. Hoje, por questões de segurança, o acesso ao local é restrito aos delegados dos países participantes da Assembleia Geral. Ainda neste ano, quando se iniciará uma reforma na sede da ONU, o Projeto Portinari ficará com a guarda dos painéis, que serão expostos em Paris, em São Paulo e no Rio de Janeiro antes de voltarem para Nova York, em 2013.

Na época do convite, o artista sofria de saturnismo (intoxicação por chumbo), mas não hesitou em aceitá-lo, apesar da proibição médica de usar tintas. "Imagina o drama desse homem que sabe que, se voltar a usar tintas, vai morrer. E que está, ao mesmo tempo, diante da maior oportunidade da vida dele: a de passar uma mensagem de paz", conta João, que no aniversário de 50 anos de instalação dos murais, em 2007, coordenou a publicação do livro *Guerra e Paz - Portinari*, entregue ao secretário-geral da ONU na abertura da Assembleia Geral. No livro, o sociólogo Emir Sader caracteriza bem o que foram e o que são *Guerra e Paz*: "No sofrimento daqueles rostos, daqueles corpos vergados pelo peso do sofrimento, naquelas expressões carregadas de desespero e de temor, Portinari elevava a arte brasileira à universalidade, inserindo - na criatividade de sua forma e

contundência do seu conteúdo - sua obra no acervo mundial da arte comprometida com o humanismo e com a solidariedade".

O pintor e desenhista também ilustrou livros como *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *O alienista*, de Machado de Assis. Outra obra, a série *Dom Quixote* (1955-1956), com 22 desenhos pintados a lápis de cor, não chegou entretanto a ser publicada, e pertence hoje aos Museus Castro Maya, no Rio de Janeiro. Nos últimos anos de vida, Portinari dedicou-se a escrever poemas, como este, de 1958: "Quanta coisa eu contaria se pudesse/E soubesse ao menos a língua como a cor", mas não ilustrava seus próprios versos. Nesse ano começou a escrever um livro de poemas, que seria publicado pela editora José Olympio em 1964, dois anos após seu falecimento no Rio de Janeiro.

Em Brodowski, porém, onde a estação de trem já não possui trilhos e a cana de açúcar substituiu o café nas extensas fazendas, Portinari se mantém muito vivo. A cidadezinha de 15 mil habitantes conserva sua gente simples e trabalhadora, como o seu Geraldo de Oliveira, de 88 anos, único fundador ainda vivo da Tanoaria Santo Antônio, aberta em 1939 e uma das raras ainda em funcionamento no país. Ou como a museóloga Angelica Fabbri, a guardiã do Museu Casa de Portinari, que dedica a vida à visibilidade do espaço e à divulgação do homem que legou a Brodowski muito mais que telas e murais.

Agradecemos ao Projeto Portinari, que cedeu gentilmente as imagens das obras e as fotos de arquivo do artista para publicação

Trabalho de formiga

O único filho de Candido Portinari, hoje com 70 anos, dedica-se integralmente ao Projeto Portinari, criado em 1979. Formado engenheiro de telecomunicações, João Candido ajudou a fundar o Departamento de Matemática da PUC-Rio e dela tornou-se o primeiro diretor, com 28 anos. Foi bem mais tarde que a preocupação com o legado do pai apareceria. Hoje, o projeto tem catalogada a obra completa de Portinari. "Foi um trabalho de formiga. Nem nós da família tínhamos conhecimento de todas essas obras", afirma João. De estatura baixa e olhos azuis iguais aos do artista, João Candido concedeu gentilmente à Dante Cultural a entrevista abaixo, no Solar Grandjean de Montigny, casarão de pé-direito baixo e arquitetura neoclássica, instalado no campus da PUC, no bairro da Gávea.

Dante Cultural - O que motivou a criação do Projeto Portinari?

João Candido - Portinari pintou mais de 5 mil obras sobre o povo brasileiro. O Brasil inteiro está na obra dele em pinturas a óleo, em têmpera, em afrescos, em ilustrações, em gravuras, em aquarelas. Esse legado, porém, está invisível, porque mais de 95% dele se encontra em coleções particulares. Após 17 anos da morte de Portinari, nasceu uma constatação urgente: não havia museu, não havia catálogo, não se tinha ideia do paradeiro das obras, e os livros escritos sobre sua obra estavam esgotados. Começamos com o levantamento e a catalogação desse material. Na época, o jornalista Antonio Callado, e também biógrafo de Portinari, caracterizou o projeto com duas palavras: amor e técnica. A conjugação dessas duas coisas é que tornou possível sua realização.

DC - Qual era o objetivo original do projeto?

JC - Criar uma base de informações imparciais e de livre acesso a pesquisadores e ao público em geral, contribuindo com a educação visual e a história da cultura moderna brasileira, da qual Portinari é um



Fernanda Quintia

"Como Portinari não datou metade de suas obras, tivemos que cruzar 30 mil documentos com cada uma das 2.500 obras não datadas para verificar se numa carta, num recorte de periódico, numa fotografia havia alguma referência que pudesse indicar a época desse material", afirma João Candido, filho do artista e responsável pelo Projeto que catalogou a obra completa do pai

dos expoentes. O projeto é todo documental. Não temos nada a ver com o mercado de arte.

DC - De que forma se deu o levantamento das obras?

JC - No início era como procurar agulha num palheiro. O sucesso do Projeto Portinari se deveu, em grande parte, à imensa solidariedade da sociedade brasileira. A Rede Globo e a Fundação Roberto Marinho realizaram uma campanha com chamadas na televisão, durante três anos e meio, no horário nobre, e a gente começou a receber cartas. Quadros importantes dados como perdidos foram encontrados no país inteiro, além de informações que ajudaram a compreender o conteúdo das obras. A Varig forneceu as passagens gratuitamente durante todo o levantamento para pesquisador e fotógrafo irem inclusive a outros países que tinham obras do pintor. Finlândia, Tchecoslováquia, África do Sul, até no Haiti. A

Beatrice Portinari e Dante Alighieri

O pai de Candinho, o seu Baptista Portinari, tem sua origem nos Portinari de Florença do século XIII. Tommaso di Folco Portinari trabalhava para os Medici, tradicional família mecena dessa região italiana, e era de família abastada. Casado com Maria Maddalena Baroncelli, teve como filha Beatrice Portinari, que viria a ser a musa de Dante Alighieri nos poemas de *La Vita Nuova* (1283-1292) e no *Divina Comédia* (1308-1320), sua obra-prima. O poeta teria visto Beatrice, então com 12 anos, e se apaixonado profundamente. Por que os

membros dessa família, poderosa em Florença, e desaparecida durante tanto tempo, ressurgiram no Vêneto como camponeses pobres? "Aqueles famílias poderosas eventualmente caíam em desgraça por algum motivo específico: desavença, rixa, ciúmes. Possivelmente, a família Portinari caiu em desgraça e teve que fugir para o Vêneto, onde perderam tudo", especula João Candido. Mais tarde aportaram no Brasil, dando à luz ao artista que revelou e pensou o Brasil pela pintura.

Portinari com o filho, em 1941. "Havia uma relação de amizade e muito carinho entre a gente, mas eu tinha que criar o meu próprio caminho. Fui estudar fora do Brasil quando tinha 18 anos. Quando meu pai morreu, eu tinha 23 e estava na França, não tive oportunidade de vê-lo", conta Joao Candido



Imagem do acervo do Projeto Portinari

empresa mandou um telex a todas as agências Varig e fez cada uma funcionar como se fosse filial do Projeto Portinari, organizando toda a logística necessária. O Ministério das Relações Exteriores mandou uma circular a todas as missões diplomáticas no mundo, pedindo que em cada local a embaixada, o consulado, a missão comercial nos desse o mesmo apoio. Ainda recebemos a ajuda da ONU e da Unesco nesse processo. Nunca pensei que fôssemos chegar ao catálogo da obra completa. Foi um trabalho de formiga. Nem nós da família tínhamos conhecimento de todas essas obras. Além disso, temos 130 horas gravadas com contemporâneos a Portinari e 30 mil documentos. Esse material vai muito além de Portinari. Ele reflete o pensamento de toda uma geração e mostra quais eram os grandes projetos que eles tinham para o Brasil.

DC - Como é possível ter acesso a essas obras?

JC - Em 2004, lançamos o *Catálogo Raisonné*, ou seja, a obra completa do Portinari. As 5 mil obras podem ser vistas, estudadas e analisadas em livro e CD-ROOM. A ideia do catálogo surgiu em 1978, mas como Portinari não datou metade de suas obras dele, tivemos que cruzar 30 mil documentos com cada uma das 2.500 obras não datadas para verificar se numa carta, num recorte de periódico, numa fotografia havia alguma referência que pudesse indicar a época desse material. Muitas vezes ele nem assinava. Nós fomos os primeiros a fazer um *Catálogo Raisonné* de obra completa entre todos os países ao sul da linha do Equador. O site

www.portinari.org.br também tem a descrição de cada uma das obras, 5 mil ao todo. A gente sempre teve em vista a criação de um site que pudesse ser útil para a rede escolar, porque as crianças fazem muitos trabalhos de artes.

DC - Com o *Catálogo Raisonné* e o site prontos, ricamente constituídos de informações referentes à obra e à vida de Portinari, qual passou a ser a missão do Projeto Portinari?

JC - Nossa missão é transformar valores humanos, muito presentes na obra de Portinari, em ferramentas de mudanças sociais. Ficou muito claro que a nossa ação deveria ser voltada para as crianças, porque um dos grandes problemas em nosso país diz respeito à cidadania e à educação. A criança é muito sensível à imagem, que gera um impacto muito maior nela que no adulto. A gente consegue fazer um trabalho de transformação mais efetivo. Em 1994, fizemos a primeira exposição com réplicas de 85 obras, incluindo pinturas murais que obviamente não podem ser transportadas. Percorremos o Brasil inteiro. Sem exceção, estivemos em todos os estados.

DC - Como funcionam as exposições itinerantes?

JC - As exposições itinerantes entram principalmente em escolas, mas correm outros programas paralelamente a esse. O Projeto Portinari, em novembro, embarcará com a Marinha brasileira no rio Amazonas para levar o pintor até as populações ribeirinhas. Já fomos até o rio Paraguai, no Pantanal. Lá uma chalana da Polícia Federal partiu de Porto Murtinho e seguiu até Corumbá, parando em pequenos povoados tanto da margem brasileira como da paraguaia. As crianças iam subindo no barco para ver os quadros. A gente ainda quer levar o programa ao rio São Francisco. Também temos levado as exposições a presídios e comunidades mais excluídas. Nossa missão é abrir esse baú.

DC - Quem mantém o Projeto Portinari?

JC - É uma corda-bamba. Atualmente é a Petrobras quem mantém, mas já foi o Banco do Brasil, a Caixa Econômica, o CNPq... A gente já ficou na iminência de terminar por falta de recursos.

DC - Se mais de 95% das obras estão em coleções particulares, onde estão os outros 5%?

JC - Em museus. No Brasil são os Museus Castro Maya no Rio de Janeiro que detêm a maior coleção pública, com 168 obras. (veja box 'Onde ver Portinari')

DC - Como foi a transição profissional da sua área de formação, a engenharia e a matemática, para uma dedicação integral ao Projeto Portinari?

JC - Fui o primeiro diretor do Departamento de Matemática e fiquei 13 anos só fazendo matemática. Portinari só apareceu quando eu fiz 40 anos. Daí apareceu com toda a força. O Projeto Portinari nasceu nos departamentos científicos da

PUC-Rio. Foram meus colegas matemáticos, físicos e engenheiros os primeiros a se interessar. A grande maioria das apresentações que eu fiz do projeto nesses 30 anos foi a convite de comunidades científicas, e não culturais e artísticas. Até hoje isso se mantém.

DC - Como era a relação entre vocês?

JC - Quando você é criança, o pai é monumental. Quando você entra na adolescência, você quer enfrentá-lo, e nem sempre esse enfrentamento é pacífico. Na época em que eu era um rapazinho, ele era uma figura grandiosa e ocupava uma posição no Brasil que não permitia que eu fosse a algum lugar sem que as pessoas me apresentassem como 'esse é o filho do Portinari'. Aquela situação foi ficando muito pesada pra mim. Uma vez perguntei a minha mãe: "O pai não trabalha, não?". "Como não trabalha?", ela respondeu. No que eu disse: "Fica aí pintando o dia inteiro". Eu não tinha uma noção muito clara da dimensão, da missão e das preocupações humanas e sociais dele. A casa vivia

cheia de artistas, intelectuais, políticos, jornalistas, minha mãe fazia macarronadas monumentais. Elas *[as visitas]* não tinham horário pra chegar, nem pra sair. Eram estranhos pra mim.

DC - Quem eram essas pessoas?

JC - Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade, Jorge Amado, Luís Carlos Prestes...

DC - Portinari era um pai repressivo?

JC - Ele não era repressivo, inclusive não tinha tempo para ser repressivo, porque era muito absorvido pela arte dele e pelas pessoas com quem ele convivia, que estavam pensando a nação brasileira, ocupadas em olhar para o Brasil pela primeira vez, porque até então a elite brasileira só olhava para a Europa. Ele não tinha tempo de olhar para mim como filho, e a minha mãe também não, porque a missão dela era preservá-lo para que pudesse se preocupar somente com a pintura. Ela quem dirigia o carro, quem pagava as contas, contratava empregados, vendia os quadros. Eu

Casamento na roça, de 1940 - O quadro favorito de João Candido. Ao fundo, a igreja de Santo Antonio, em Brodowski. Hoje, está em coleção particular

Imagem do acervo do Projeto Portinari



creci um pouco na rua mesmo, com a minha turminha. Com 14 anos eu morava em frente à praia do Leme, um típico garotão de praia carioca. Só vivia pra pegar onda, jogar futebol de areia e namorar. Um dia cheguei da praia, deviam ser umas 3 da tarde, depois do almoço, eu estava de calção e toalinha em volta do pescoço, entrei na sala e vi aquele povo todo. No fundo dela, um sujeito sentado segurava meu violão nas mãos. Pensei: "Pô, esse cara vai desafinar meu violão". Era Villa-Lobos. Havia uma relação de amizade e muito carinho entre a gente, mas eu tinha que criar o meu próprio caminho. Fui estudar fora do Brasil quando tinha 18 anos. Quando meu pai morreu, eu tinha 23 e estava na França, não tive oportunidade de vê-lo.

DC - Como você enxerga a arte de Portinari?

JC - A arte dele não era uma arte abstrata, mas um compromisso com o ser humano, com o sagrado da vida, a compaixão, a solidariedade, a não violência. Tanto que essa luta dele pela paz se deu também na militância política. A opção política dele é basicamente uma opção humanística - uma coisa muito mal compreendida hoje em dia. Ele não era um intelectual marxista, e sim um humanista cujas origens estão no renascimento italiano. Nascido num pequeno povoado, no meio do cafezal, aquele menino pobre carregava no sangue Leonardo da

Vinci e Michelangelo. O Brasil permitiu que da primeira geração de imigrantes italianos um pintor revelasse o país aos brasileiros e, ao mesmo tempo, toda a herança italiana.

DC - Quais eram os valores que seu pai defendia e que são importantes para você?

JC - A solidariedade com o ser humano, a dedicação ao trabalho e a um ideal, e uma atitude de respeito com as pessoas, os animais, as crianças e os velhos. Isso está muito na poesia dele. Ele fez muita poesia nos últimos anos de vida.

DC - Qual sua obra favorita e por quê?

JC - O *Casamento na Roça*. O colorido é de um lirismo... Ele começou pintando Brodowski e chegou à ONU. As dialéticas da tragédia e do lirismo, do drama e da poesia, da fúria e da ternura são uma constante em toda a obra dele. De um lado, ele retratou o drama dos retirantes; de outro, o casamento.

DC - O que ele dizia da própria obra?

JC - Ele não era muito de falar. Numas dessas macarronadas em casa, entrou um sujeito que começou a fazer um discurso muito eloquente. Todo mundo parou para ouvi-lo. Quando terminou e o homem saiu, os amigos de meu pai perguntaram a ele: "E aí, Candinho, o que você achou?". Meu pai, que tinha aquela coisa meio caipira e esperta, falou:

Café, de 1935 - Esta obra rendeu a Portinari seu primeiro prêmio estrangeiro, a 2ª Menção Honrosa do Carnegie Institute, em Pittsburgh, nos EUA. Está hoje no Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, RJ

Imagem do acervo do Projeto Portinari



"Eu não achei nada, eu acho que pintor pinta e literato brilha". Mas em um discurso que ele fez em 1947, a intelectuais argentinos, ele realmente expressou o que pensava da própria arte.

DC - Ele tinha algum ritual antes de pintar?

JC - Ele tinha uma característica muito rara em artistas plásticos, a limpeza absoluta. Pintava de colete, terno e sapatos brancos. Você podia lambar o chão ou a mesa onde ele trabalhava de tão limpos. Era metódico com os instrumentos de trabalho e, ao mesmo tempo, soltava-se de forma exuberante na pintura. O pincel tinha que ser lavado com sabão de cozinha. Eu lavava tanto que o sabão ficava esburacado. Lembro-me de um episódio em que Portinari, após os trabalhos, pediu a seus assistentes que lavassem os copos e, em seguida, enchessem novamente com água para o dia seguinte para trabalharem com têmpera. Depois de fazerem isso, perguntou a eles: "Já lavaram? Tá, agora bebam essa água para conferir se está realmente limpa". Era muito rigoroso, muito exigente com ele próprio e com as pessoas que amava. Falhar com ele era um pecado mortal.

DC - Ele era supersticioso?

JC - Era um militante comunista que pintava temas sacros com o mesmo fervor. Talvez tenha sido o maior pintor sacro das Américas. Se você olhar quem fez pintura sacra e comparar com a produção sacra de Portinari, você vai levar um susto. O crítico literário Alceu Amoroso Lima, um grande pensador católico, fez um prefácio, para o livro *Portinari - Arte Sacra*, em que ele fala desse paradoxo. Ele não conseguia compreender. Como um homem que é militante comunista tem uma pintura sacra tão fervorosa? Ele conta que conseguiu resolver o paradoxo após visitar Brodowski. Lá, ele conheceu as mulheres da família: as irmãs, dona Dominga, que era gente muito simples e muito devota. Viu a capelinha que meu pai fez para a avó Pellegrina. Você imagina a emoção dessa velhinha: ter uma capelinha ao lado do quarto, feita pelo neto, em que todos os santos, os preferidos dela, eram os próprios netos!

DC - Ele se devotava à família, então...

JC - Ele era totalmente devotado à família, a essas figuras femininas. A nossa casa era um matriarcado. A *nonna* mandava em tudo, decidia tudo, uma pessoa de uma bondade imensa. Ele é a antítese de um Di Cavalcanti, por exemplo. Não há na pintura de Portinari o mais leve traço de erotismo ou de sensualidade. Pintou alguns nus, mas não nus sensuais. O compromisso dele não permitiu que ele abordasse esse lado mais profano. A tia Pellegrina, a irmã mais velha dele, nunca se casou. Foi uma grande figura. Essas famílias italianas pobres tinham muitos filhos. A irmã mais velha em geral não se casava para ajudar a mãe a criar todos eles.

Onde ver Portinari

São Paulo (SP)

Museu de Arte de São Paulo (Masp)

Destaques: Séries *Retirantes* e *Bíblica*; *Lavrador de Café*

Av. Paulista, 1578, Bela Vista. Ter. a dom. e feriados, 11h/18h; qui., 11h/20h

Pinacoteca do Estado

Destaque: *Mestiço*

Praça da Luz, 2, Luz. Ter. a dom., 10h/18h

Memorial da América Latina

Destaque: *Tiradentes*, no Salão de Atos Tiradentes

Av. Auro Soares de Moura Andrade, 664, Barra Funda. Ter. a dom., 9h/18h

Brodowski (SP)

Museu Casa de Portinari

Destaque: Capela da *Nonna*

Praça Candido Portinari, 298, Centro

Igreja de Santo Antonio

Destaque: Santo Antonio

Praça Candido Portinari

Batatais (SP)

Igreja do Senhor Bom Jesus da Cana Verde

Destaques: Via Crucis e painéis sacros

Praça Cônego Joaquim Alves

Rio de Janeiro (RJ)

Museus Castro Maya

Museu Chácara do Céu

Rua Murinho Nobre, 93, Santa Teresa, qua. a seg., 12h/17h

Museu do Açude

Estrada do Açude, 764, Alto da Boa Vista, qua. a seg., 12h/17h

Palácio Gustavo Capanema (antigo Ministério de Educação e Saúde)

Destaques: Ciclos econômicos (2º andar)

Rua da Imprensa, 16, Centro. Agendar visita, tel. (21)/2220-4189

Museu Nacional de Belas-Artes

Destaques: Painéis *Construção de Rodovia*; *Café*

Av. Rio Branco, 199, Centro. Sáb., dom. e feriados, 12h/17h; ter. a sex., 10h/17h30

Belo Horizonte (MG)

Igreja de São Francisco de Assis

Destaque: Via Sacra em 14 painéis em têmpera e painel externo de azulejos pintados

Av. Otacílio Negrão de Lima, 3.000, Pampulha. Ter. a dom., 9h/17h

Iate Tênis Clube

Destaque: *Espantinho*, no Salão de Baile

Av. Otacílio Negrão de Lima, 1.350, Pampulha. Seg. a sex., 7h/18h

Esporte

Modalidades Ítalo-brasileiras

Vindas da Itália no início do século XX, a bocha e o tamboréu são praticados até hoje em clubes de São Paulo e sobrevivem principalmente graças às tradições familiares, mas com regras um pouco diferentes por aqui

Texto: Pedro Belo

Manhã de domingo no Ipê Clube, no bairro do Ibirapuera. Em uma quadra de saibro (mistura avermelhada de argila e areia), dividida na metade por uma rede hasteada rente ao chão, duas duplas disputam uma partida de um jogo que, de longe, se assemelha ao tênis. Cada jogador possui em suas mãos uma espécie de raquete, que é utilizada para rebater uma bola de borracha verde-limão para o outro lado da rede. De perto, nota-se que as tais raquetes mais se parecem com pandeiros. Ao redor, um público de maioria masculina assiste torcendo, gritando e fazendo piadas.

Enquanto isso, na Barra Funda, em um ginásio do clube do Palmeiras, o clima é de concentração. O público torce, mas acompanha atento um esporte um pouco menos dinâmico. Em uma "quadra" longa e estreita, de piso sintético, duas equipes se alternam arremessando bolas pesadas de maneira

bem suave. O objetivo é fazer com que as esferas parem o mais próximo possível de uma bola um pouco menor, o bolim. Após o leve arremesso do jogador, equipe e plateia observam, torcendo para que a bola pare em uma boa posição. Apreensivo, o atleta não tira os olhos da bola e, caminhando vagarosamente, estala os dedos indicador e médio no ar, um gesto típico dos praticantes do esporte.

Veza ou outra, para afastar as bolas adversárias da meta, os atletas arremessam uma de suas esferas para o alto, mirando nas proximidades da esfera menor. O jogo se espalha quadra afora e o barulho produzido é quase igual ao de um *strike* de boliche. Acabadas as bolas de cada equipe, um árbitro mede as distâncias em relação ao bolim e dá os pontos ao time vitorioso.

Fora o fato de que foram ambos trazidos para o Brasil por imigrantes italianos, os dois esportes



Apesar de a maioria dos atletas praticantes do tamboréu ser de idade avançada, a faixa etária não é regra. Ao lado, Simone Almeida e Maria de Souza, vencedoras de um torneio no Ipê Clube

FPT (Federação Paulista de Tamboréu)



Leonardo Carone, de 67 anos, é frequentador assíduo das quadras de tamboréu do Ipê Clube. "É só jogar uma vez que não tem jeito, vicia", garante

Pedro Belo

acima têm muito pouco em comum. O tamboréu, uma das modalidades mais tradicionais do Ipê Clube, foi introduzido nas praias de Santos, na década de 1930, pelos irmãos Luigi e Joseph Danadelli. O esporte era praticado com as duas "raquetes-pandeiro" feitas com um aro de madeira e uma tampa de couro de carneiro, que eram utilizadas para rebater uma bola de borracha maciça. Inicialmente, não havia marcação de quadra ou rede.

Depois, algumas regras foram estabelecidas pelos santistas, como a padronização da quadra de 34 metros de comprimento por 10 de largura, e a implantação da rede semelhante à de tênis. Na década de 1950, já eram organizados os primeiros campeonatos da modalidade.

O jogo é disputado em três sets de dez pontos cada. A primeira dupla a vencer dois sets sai vitoriosa. Assim como no tênis, os jogadores devem evitar que a bola repique duas vezes no lado da quadra em que jogam, rebatendo-a em seguida para o lado adversário.

"Hoje em dia, no Brasil, são utilizados dois tipos de raquetes. A de madeira, que é a mais antiga, e a trançada com fios de nylon. Na Itália, há muito tempo as raquetes já são feitas com um tampo de tecido sintético. Quando eles veem as nossas raquetes de madeira, dão risada, e dizem que ainda estamos na Idade da Pedra", explica Walter Lopes, conhecido no Ipê como 'Professor', por ser o sócio responsável pela escolinha de tamboréu do clube.

Consultor de Recursos Humanos nos dias de semana, o 'Professor' passa as manhãs de sábado e domingo ensinando e recrutando novos praticantes do esporte no clube. O público que comparece não é fixo, mas consegue ocupar as três quadras do

clube. "Gosto mais de ensinar do que de jogar", afirma. "Não tenho a condição técnica necessária, mas sei ensinar e motivar os atletas. Para isso serve um bom treinador".

Segundo Walter, com a raquete de madeira, dá mais vontade de jogar. "O jogador precisa fazer mais força. A bolinha faz um barulhão e passa pro outro lado. A raquete de rede se flexiona quando a bolinha bate, e a empurra de volta. Por isso, o jogador não precisa fazer tanta força. É bom para quem é mais velho, que não pode ficar forçando o ombro tanto tempo durante o jogo".

Segundo Lopes, o *tamburello*, esporte que originou o abrasilizado tamboréu, é uma modalidade bastante diferente na Itália. "Eles jogam em uma quadra de 40 metros por 40 metros. Muito maior que esta nossa aqui. Jogam em times de cinco jogadores, e além disso não tem rede. É só uma linha pintada no chão".

Atualmente, a cidade de São Paulo conta com pouco menos de dez clubes que praticam o esporte e são filiados à Federação Paulista de Tamboréu. Entre eles o Ipê, o Corinthians, o Clube Esportivo da Penha, a Associação Atlética do Banco do Brasil (AABB) e o Aramaçan. A Baixada Santista, onde desde sua introdução o esporte é extremamente popular, conta com o mesmo número aproximado de clubes. No interior do estado, mais especificamente entre Campinas e Valinhos, a modalidade conta com mais três clubes federados.

A bocha, muito mais conhecida e difundida pelo país, também chegou à América do Sul com os italianos. No início do século XX, o esporte começou a ser praticado na Argentina, sendo mais tarde levado para o Rio Grande do Sul, estado que possui a grande maioria dos praticantes no Brasil.



FPBB (Federação Paulista de Bocha e Bolão)

A bocha é disputada em uma pista chamada cancha e cada partida dura de uma hora e meia a duas horas. Acima, o campeonato estadual masculino do ano passado, em São Vicente. Abaixo, a campeã paulista também de 2008, Ieda Alves Arraia, na Associação Esportiva Recreativa do Campo Belo

No Palmeiras, começou a ser praticada em 1934, quando o clube ainda se chamava Palestra Itália. Disputada em uma cancha (tipo de pista) de 24 metros de comprimento por 4 de largura, a partida de bocha tem início com o arremesso do bolim, pequenina bola metálica, que pesa pouco mais de 100 gramas. Depois, os atletas começam a fazer os chamados arremessos a ponto, soltando suavemente a bola que leva o nome de bocha - com peso aproximado de um quilograma - para que ela deslize até a posição mais próxima possível do ponto onde está a pequena esfera.

As partidas podem ser disputadas com apenas um

jogador por equipe, em duplas ou em trios. Em jogos de campeonato, essas partidas acontecem simultaneamente, e cada uma dura entre uma hora e meia e duas horas. Cada vitória contabiliza um ponto para a equipe vencedora.

Em São Paulo, a bocha profissional concentra-se principalmente nos clubes Pinheiros, Palmeiras, São Caetano e Círculo Militar. Para o lazer, o esporte é muito praticado em canchas de grama ou de areia, às vezes até mesmo nas praias do litoral do estado. Atualmente, a modalidade possui pelo menos seis conjuntos de regras diferentes ao redor do mundo. No Brasil, a vigente é a sul-americana, também jogada na Argentina e no Uruguai. A Europa utiliza a regra mundial, que permite aos jogadores atirar a bocha rasteira e com força, o que não é permitido na regra sul-americana. Além disso, há algumas variações sobre as dimensões das canchas e os pesos de bochas e bolim.

"Todo mundo quer que a bocha seja um esporte olímpico, mas isso fica difícil por causa da quantidade de regras diferentes nos países", explica Leandro Fogazzi, jogador da equipe principal do Palmeiras e treinador de equipes de acesso do clube. "Há um grande esforço para implantar a regra mundial no Brasil. Já estamos treinando com a regra nova aqui no clube, pois o próximo campeonato paulista masculino será disputado com ela".

Prática em família

A existência de esportes como o tamboréu e a bocha em São Paulo está diretamente ligada às tradições familiares na prática de ambas as modalidades.

Os mais jovens praticantes do tamboréu no Ipê têm entre 13 e 22 anos, e frequentam o clube desde a infância, acompanhados principalmente dos pais. No entanto, o quadro de jogadores desse esporte no clube é composto principalmente por atletas da terceira idade. Mas, em dias de torneios e campeonatos, a média de idade entre os principais competidores nas quadras gira entre 40 e 50 anos.

"Infelizmente, é um esporte em extinção", comenta o 'Professor' Walter Lopes enquanto assiste a uma partida do Torneio de Participação de Acesso, disputado internamente no Ipê. "É preciso sempre conseguir novos praticantes, pessoas novas, para manter a base e o esporte vivo", afirma.

O aposentado Leonardo Carone discorda. "O tamboréu está voltando a cativar o público. Principalmente o feminino. No último torneio em Santos, tivemos uma dupla do clube campeã. O Ipê é muito forte no esporte".

Além disso, para Carone, que pratica o esporte há 29 anos, o tamboréu é uma modalidade estimulante. "Quando vi um jogo pela primeira vez já me interessei, e alguém me disse 'Você tem algum vício?', eu disse que não, e me disseram 'Pois então, é só jogar uma vez que não tem jeito, vicia'. E é assim mesmo!", conta.

Embora o tamboréu seja realmente tradicional no clube, não há contratação e federação de atletas. "O esporte é muito mais jogado como hobby", explica Carone. "O que acontece é que temos alguns torneios patrocinados, e os vencedores recebem prêmios em dinheiro. Mas ninguém vive somente do esporte".



FPBB (Federação Paulista de Bocha e Bolão)



Pedro Belo

Os atletas Marizane e Leandro são do clube Palmeiras e já representaram o Brasil em campeonatos mundiais. Gaúchos, confirmam a hegemonia do estado quando o assunto é Bocha, o que não é à toa: o esporte chegou primeiro à Argentina e, de lá, passou a ser praticado no Rio Grande do Sul

Aos 67 anos, vestido de shorts, camiseta e boné, Carone e um parceiro protagonizam uma partida de pouco mais de 30 minutos contra uma dupla um pouco mais jovem. O jogo não faz parte de nenhum campeonato, mas vale pelo exercício físico e pela diversão.

Enquanto está na quadra, o descendente de italianos chamado pelos amigos de "Barês", devido às raízes na cidade de Bari, é alvo constante das gozações da torcida. Mas enquanto assiste a outras partidas não oficiais, é ele um dos principais autores das brincadeiras.

No caso da bocha, a profissionalização do esporte é uma realidade. Os principais clubes de São Paulo se organizam para contratar "bochófilos" visando à conquista de campeonatos estaduais, regionais, nacionais e até internacionais.

É o caso dos gaúchos Leandro Fogazzi e Marizane Diesel Friess, ambos atletas do Palmeiras. Fogazzi está há sete anos em São Paulo e vive exclusivamente do esporte. Veio para a capital paulista contratado pelo Clube do Círculo Militar e transferiu-se para o São Caetano pouco depois. Há três anos joga pelo Palmeiras e mora com a esposa, também jogadora, e a filha, em uma casa de propriedade do clube.

"Eu jogava futebol na escolinha do (Sport Club) Internacional e quebrei a perna quando tinha 15 anos. Como meu pai sempre jogou bocha, comecei a jogar logo depois com medo de voltar para o futebol e me machucar de novo". Com 17 anos, Fogazzi já estava na seleção brasileira juvenil.

Hoje, é um dos campeões brasileiros do esporte com a equipe do Palmeiras. E já conheceu a França, a Itália e a Suíça competindo em cinco campeonatos mundiais. Aos 37 anos, ele faz

treinos de três horas por dia duas vezes por semana, e ainda conduz os treinos das demais equipes do clube.

A vida de Marizane Friess, a Mari, é parecida. Atletas federada desde os 14 anos, a gaúcha de São Pedro do Sul também reside em uma casa do clube com a filha e o marido Rogério, funcionário de uma churrascaria e "bochófilo" nas horas vagas. O clube ainda paga o curso universitário de Educação Física da atleta.

"Acho que, se não tem ninguém na sua família jogando, é difícil começar. Meu pai sempre jogou, e foi com ele que comecei", conta. A filha, de apenas 5 anos, já frequenta a escolinha de bocha do clube. Com 27 anos, Mari acaba de voltar da Itália, onde competiu no campeonato mundial ao lado de sua companheira de seleção paulista e brasileira, a também gaúcha Thays Machado, atleta do clube Pinheiros.

A hegemonia gaúcha no esporte é evidente. Muitos clubes de São Paulo importam jogadores do Rio Grande do Sul. Para o diretor de bocha do Palmeiras, o paulista Flávio Bongermínio, isso tudo se deve à antiga tradição gaúcha no esporte. "Com certeza, dos 20 melhores jogadores do Brasil hoje, 15 são gaúchos. A equipe do Palmeiras tem muitos, e a seleção paulista também", afirma.

Para Fogazzi, a forte presença italiana e europeia no Sul é o que condiciona a tradição na modalidade. "Vai passando de pai para filho. Aqui também é assim. Mas a hegemonia verdadeira no esporte é da Itália. Na bocha eles são como os Estados Unidos no basquete. De todos os campeonatos mundiais disputados até hoje, os italianos ganharam todos", afirma Fogazzi.

Literatura

O estranho poder de palavras e estruturas metálicas

Ficção de 1978 coroa reflexões de Primo Levi a respeito do trabalho e da literatura

Por Luisa Destri



Faussonne é um montador que guarda poeira das estrelas, recolhida em diversas partes do mundo, em uma caixinha. É que seu trabalho exige que esteja frequentemente em lugares altos, limpos e isolados - e é justamente aí que se acumulam partículas de estrelas cadentes. É um homem que encontrou, durante a atividade tornada

solitária, a verdadeira amizade e a colaboração eficiente, não em seus companheiros, mas em um macaco. "O senhor compreende que, numa circunstância como aquela, compartilhando a mesma solidão e a mesma melancolia, é fácil fazer amizade", diz.

Ele nos conta suas histórias por meio de um narrador que as transcreve. Os dois homens se encontraram na Rússia, aonde ambos foram a trabalho. Nas horas livres, o escritor, já interessado em encerrar sua carreira como químico e dedicar-se somente à literatura, toma os depoimentos de Faussonne.

Envolvido em frequentes viagens para realizar suas tarefas, Faussonne dedica-se inteiramente à sua atividade, com o carinho de quem deseja ver sua assinatura nas estruturas metálicas que monta, e aproveita para conhecer universos que não lhe seriam oferecidos se não fosse seu trabalho.

Nas histórias desse montador, encontramos, com a informalidade típica das conversas entre dois amigos, um mundo do trabalho absolutamente personificado. Faussonne chora por uma estrutura transformada em ruína como choraria pela morte de um familiar. Ouve o ranger de uma coluna como se tivesse um bebê doente em seus braços. Compara as diferenças impostas pelos materiais de trabalho à necessidade de reconhecermos que não somos todos iguais.

O formato adotado pelo livro é atípico: intercalam-se a fala do montador, transcritas como que literalmente, e os comentários do químico. Faussonne não é transformado em personagem, de fato (haveria narração clássica, em terceira pessoa), e nem em narrador (haveria apenas a sua voz, em primeira pessoa). Também não se trata de cartas, um recurso clássico para dar a medida da interlocução entre duas personagens. O livro é também, em sua composição, matéria bruta.

É no confronto entre as duas vozes que *A chave estrela* se constrói. Aos poucos somos levados a perceber que o verdadeiro fascínio é exercido por

Faussonne. Embora o químico-escritor nos faça crer que o montador foi escolhido aleatoriamente, este se torna, no limite, o verdadeiro escritor. Não apenas porque, em sua oralidade, é especialmente cativante, ou porque tenha desenvolvido a capacidade de personificar todo o seu ambiente de trabalho. Mas, sobretudo, e isso está implícito em seu nome, porque com toda a liberdade falseia suas projeções e memórias, pautando-se pelo único critério que importa: o sabor de suas histórias.

Libertino Faussonne é uma espécie de corruptela do nome que deveria ter recebido. Seu pai queria registrá-lo Libero - mas não pôde, por causa do regime fascista. Acreditou ter encontrado a solução, como se, com Libertino, escolhesse um diminutivo carinhoso para nomear o filho. "Todos os que por acaso batem o olho em meu passaporte ou na minha identidade riem por trás", explica Tino. E, realmente: a liberdade que aparenta ter é infinitamente falseada.

Em primeiro lugar porque, sendo alguém que fala sobre seu passado em primeira pessoa, detém todo o direito de manipular seu relato de acordo com o que acreditar ser mais conveniente ou convincente. Em segundo, porque a liberdade que o escritor atribui a ele também é falsa: a transcrição das falas entre aspas, ou seja, em tese reproduzindo com fidelidade o que Faussonne teria dito, não é inocente. O narrador pode não apenas modificá-las ao transcrevê-las, mas também, e isso fica claro na medida em que o livro avança, gozar tranquilamente da possibilidade de interferir nos conteúdos reproduzidos, por meio de suas interrupções e comentários.

Tanto Faussonne quanto o narrador, por exemplo, insistem em se redimir por momentos em que "perdem o fio da meada" - como se perturbassem alguma ordem adequada para os relatos ou impusessem confusões ao leitor. Nesses pontos, entretanto, surgem alguns dos trechos mais encantadores do livro. É o caso, por exemplo, do relato a respeito de um dos chefes de Faussonne. Tendo adquirido a mania de lambem os dedos para virar as páginas do livro, apesar do que ensinam as professoras do primário a respeito de micróbios, esse homem "lambia os dedos todas as vezes que fazia o gesto de abrir alguma coisa: a gaveta da escrivaninha, uma janela, a porta do cofre", narra o montador. "Uma vez o flagrei lambendo os dedos antes de abrir o porta-malas do Fulvia".

Outros comentários recorrentes dizem respeito a uma espécie de desprezo que o narrador desenvolve por sua fonte de histórias - novamente uma dissimulação, ou não se proporia a utilizar Faussonne para escrever um livro: "Já devo ter dito que ele não

é um grande contador de histórias, saindo-se melhor em outros campos", afirma o narrador.

Do confronto entre essas duas vozes extraem-se pelo menos duas problemáticas referentes à própria natureza da literatura. A liberdade para falsear, presente em todos os níveis, o de Faussone, o do escritor-químico e o do próprio autor do livro, é noção estruturante da ficção ao procurar recriar a realidade. "Chave estrela", nesse sentido, é um termo caro a cada trecho desse livro. O montador Faussone explica a natureza de sua ferramenta: "Ela é para nós como a espada para os cavaleiros de antigamente". Como um Quixote das estruturas metálicas, ele extrai de um material frio e muitas vezes nada maleável o que há de mais constitutivo em sua imaginação.

O outro problema é o que talvez permita compreender como Primo Levi - judeu italiano, tendo sobrevivido à prisão em um campo de concentração nazista, experiência relatada em *É isto um homem?* (1947) e *A trégua* (1963) - teria sido capaz de compor um livro aparentemente tão leve e gracioso como *A chave estrela*.

Se no livro de 1947 a atuação como químico surge como o fator responsável por Levi ter suportado seu aprisionamento em Auschwitz (pois no laboratório do campo de concentração encontrou recursos, embora mínimos, para garantir sua sobrevivência), neste a ocupação do narrador é frequentemente invocada, assim como o trabalho de Faussone, para engendrar a reflexão sobre o ofício do escritor. O narrador, comparando seu trabalho (com as moléculas) à atividade que o montador desenvolve com suas estruturas metálicas, diz invejá-lo. Porque Faussone é um dos "homens dos cinco sentidos, que combatem entre céu e terra contra velhos inimigos e trabalham com centímetros e metros", e não com as "ninharias" e "redes invisíveis" com as quais o químico deve lidar.

Ora, aqui há pelo menos duas razões para desconfiar desse homem que também fala em primeira pessoa. "Redes invisíveis" é metáfora da criação literária: sendo o texto uma tessitura, cabe ao escritor saber manipular suas linhas. E, sendo o escritor alguém capaz de, com sua imaginação, travestir-se de personagem, não há por que duvidar de que seja ele, também, "um homem dos cinco sentidos".

Assim, por mais que haja a tentação de procurar nesse narrador-químico traços autobiográficos de Levi - especialmente quando faz afirmações como "sendo um químico aos olhos do mundo e no entanto sentindo o sangue do escritor em minhas veias, [eu] parecia levar no corpo duas almas demasiadas" -, e nos relatos de Faussone a prova de que ele de fato tenha existido, o que *A chave estrela* de fato propõe é uma reflexão sobre a literatura e sobre como o trabalho - seja ele o de um químico, um montador ou um escritor - integra a natureza do homem.

A chave estrela
Primo Levi

Companhia das Letras/ 200 páginas

Trechos da obra



Faussone, a quem contei noutras noites todas as minhas histórias, não fez objeções nem levantou outras questões; de resto, já estava muito tarde para continuar a discussão. No entanto, consciente de minha condição de especialista em ambos os ofícios, tentei esclarecer-lhe que nossos três tipos de trabalho, os dois meus e o dele, em seus dias bons podem dar a sensação de plenitude. O dele e o ofício de químico, que se assemelham, porque ensinam a sermos inteiros, a pensar com as mãos e com todo o corpo, a não se render diante dos dias ruins e das fórmulas que não entendemos, porque depois se aprendem no percurso; e porque enfim ensinam a conhecer a matéria e a enfrentá-la. O ofício de escrever, porque concede (raramente, mas concede) alguns momentos de criação, como quando num circuito apagado de repente passa a corrente e então uma lâmpada se acende ou uma hélice se move.

Ficamos de acordo sobre as coisas boas que temos em comum. Sobre a vantagem de poder medir-se, de não depender de outros para medir-se, de poder espelhar-se na própria obra. Sobre o prazer de ver crescer sua criatura, placa sobre placa, parafuso após parafuso, sólida, necessária, simétrica e adaptada ao escopo, e, depois de terminada, de contemplá-la e pensar que talvez viva mais do que você e talvez sirva a alguém que você não conhece e que não o conhece. Talvez possa voltar a vê-la quando estiver velho, e lhe parecerá bela, e no fim não importa se parece bela somente a você, e pode dizer a si mesmo 'talvez um outro não tivesse conseguido'



(P. 60-61)

Enfrentar despididamente a realidade

Lançado na Itália em 2006, *Gomorra* desvenda a lógica empresarial da máfia italiana

Por Luisa Destri



Um casal viciado em heroína, sofrendo a abstinência, se aproxima de um homem vestido de terno branco. Poderoso, ele detém aquilo de que os dois precisam: seringas e a droga. A moça injeta o entorpecente no rapaz. Ele, espumando, cai ao chão. O homem de branco pensa estar diante de um morto. Por telefone, informa: "Morreu.

Devemos misturar menos". Ele pertence à Camorra, grupo mafioso de Nápoles, no sul da Itália. O casal é cobaia do narcotráfico: mais dois dos inúmeros viciados utilizados pelos criminosos para testar se "vai bem" a mistura da droga a ser introduzida no mercado europeu.

Não se trata, infelizmente, de ficção. O episódio é narrado em *Gomorra* - best-seller já levado aos cinemas, de autoria do jornalista Roberto Saviano. Empenhado em compreender a lógica de uma organização que conhecemos por seu poder de destruição, ele se infiltrou na máfia napolitana. O livro é o produto de um intenso esforço de reportagem. E, embora traga histórias como essa ou como a de Pasquale - funcionário da organização, o que, de tanto talento para a costura, confeccionou uma roupa usada por Angelina Jolie em uma noite de Oscar -, não se concentra em dramas particulares.

O fascínio do autor pela máfia, atração que o

demoveu a conhecê-la de fato, é explicado no livro: "Quanto mais Pasquale mostrava o perigo da situação, mais eu me convencia de que era impossível não tentar compreender esse mundo. E compreender significava, pelo menos, fazer parte dele", escreve Saviano.

Para nos fazer compreender, o jornalista traz, além de episódios que horrorizam, dados impressionantes - por exemplo, o do faturamento diário de um dos clãs só com o narcotráfico, que chega a 500 mil euros - e breves reflexões sobre a estrutura de funcionamento e a justificativa econômica que sustentam a organização.

Seguindo planejamento rigoroso, a máfia é capaz de, a preços extremamente baixos, satisfazer o interesse dos clientes, que, espalhados por todo o mundo, não raro desconhecem a procedência dos produtos ou fingem ignorá-la. Ao desvendar a estrutura disso que é chamado, pelos que o compõem, de Sistema, o jornalista mostra que "a organização criminosa coincide diretamente com a economia". Ou seja: a máfia italiana, que conhecemos por meio da ficção, está profundamente ancorada na prática mais elementar de nossa sociedade: a compra e a venda ilegal de mercadorias. Nada muito diferente do que ocorre com o crime organizado no Brasil.

Gomorra

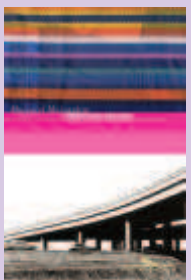
Roberto Saviano

Editora Bertrand Brasil/ 350 páginas

Em *Não se mexa*, Margaret Mazzantini cria personagens complexos e desdobra as histórias

O livro, vencedor do prêmio Strega de 2002, é apenas o segundo da autora, mas já dá mostra de uma literatura forte e contundente

Por Laura Folgueira



Timoteo é um pai preocupado com a vida de sua filha, Angela, que acaba de sofrer um acidente de moto e está sendo operada no hospital em que ele trabalha como cirurgião, de reconhecido sucesso. Ele se preocupa, também, com a reação da mulher, quando esta souber do estado da menina. Sentado na sala de espera, aguarda que algo aconteça - ou melhor: que não aconteça.

Nesse estado de tempo suspenso, Timoteo começa um longo monólogo para Angela. É aí que se inicia a verdadeira história: no passado desse pai preocupado e já marido devoto, houve um caso de amor com Itália, uma amante de muitos anos atrás. O homem que se revela nessa vida dupla anterior, cheia de percalços e decisões imprevisíveis, e que se revela o depositário de um sofrimento e de um amor intensos, é um personagem muito mais interessante do que o homem cercado pelas mulheres do presente, a esposa e a filha, que lhe despertam sentimentos de culpa, e fazem com que

Gente desenraizada

Traduzidos pela primeira vez no Brasil, poemas de Cesare Pavese refletem sobre a solidão trágica e inevitável de todo homem

Por Luisa Destri



Trabalhar cansa, publicado originalmente em 1936, encontrou edição definitiva, ampliada e organizada pelo autor, apenas em 1943. Trata-se de 70 poemas, divididos em seis partes, mais dois textos em prosa em que o próprio Pavese versa sobre sua poesia. A unidade das composições é sólida e evidente - sua preocupação central é sempre retomada e recriada por imagens poéticas semelhantes e que, por sua vez, se recombina em cada poema.

O tema desse livro é caro aos italianos: a migração. O movimento daqueles que, desajustados em seu local de origem, partem em busca de um encontro - e inevitavelmente se frustram. Assim, as figuras prediletas do poeta são sempre semelhantes à personagem Gella, do poema "Gente que não entende". Entre "idas e vindas", "sem estar no meio das casas nem entre os vinhedos", a menina "quer a cidade naquelas colinas". O bêbado, o menino que foge de casa, a prostituta e o mendigo, pessoas das quais "ninguém se dá conta", ilustram a impossibilidade de se obter a sensação de pertencimento. Pois, assim que se afastam de suas origens, essas pessoas se desenraizam, sem nunca chegar a se fixar em um novo destino.

O poeta acaba com qualquer possibilidade de idealização. Se o campo e a lembrança são, na

literatura clássica, meios privilegiados de se escapar da angústia nascida na cidade, nas composições de Pavese eles se tornam fonte de desconforto e espanto. A memória dos campos da infância nunca é idílica. O homem do poema "A noite", por exemplo, é perturbado pela recordação da paisagem que, quando menino, observava de sua "janela vazia" - composta de coisas "claras e mortas", um viver "de nada".

Nesse universo de *Trabalhar cansa*, a figura do outro surge apenas como lembrança da solidão inevitável: "[...] Depois cada qual, / ao cruzar pelos raros passantes, se lembra / de estar só e com sono [...]". Pois a cidade, afinal, é o lugar das "pessoas que passam e não olham nos olhos".

Os poemas são predominantemente narrativos e com frequência incorporam recursos da prosa, como o discurso indireto livre. Mas, mais do que narrar a história de uma angústia particular ou restrita a um agrupamento específico, *Trabalhar cansa* propõe instantes de reflexão sobre a vida em qualquer cidade. Sempre solitária, sem possibilidade de aquecimento ou refúgio, enfim, uma vida que nem mesmo o trabalho - uma promessa de construção - pode preencher ou reparar.

Trabalhar cansa

Cesare Pavese
Cosac Naify/ 400 páginas

agora ele tente explicar-se, culpado, em devaneios e divagações.

A autora dessa convincente voz masculina é, surpreendentemente, uma mulher. Natural de Dublin, na Irlanda, Margaret Mazzantini vive na Itália desde criança e escreve em italiano. Atriz de formação - já encenou no teatro textos de Goethe e Neil Simon, entre outros -, estreou na literatura em 1994, e *Não se mexa* é seu segundo livro (depois dele, ela lançou outros dois, *Zorro* e *Venuto al mondo*).

A experiência de Margaret em interpretar personagens deve tê-la inspirado, também, a criá-los com maestria. À rudez com que constrói o personagem principal de seu livro, Margaret opõe

descrições belas e delicadas das duas mulheres que pontuam e definem a vida de Timóteo: sua mulher Elsa, uma jornalista sofisticada e elegante; e Italia, seu oposto, uma mulher que "não era bonita, nem muito jovem", com "um rosto magro mas de ossos robustos, no meio do qual brilhavam dois olhos entristecidos pela maquiagem excessiva". Talvez por isso, ao final da leitura, percebamos: a história contada aqui pode até ser da vida de um homem. Mas ela certamente não poderia ser contada sem a presença dessas mulheres.

Não se mexa

Margaret Mazzantini
Companhia das Letras / 304 páginas

Música

A arte do encontro

Em 11 anos de parceria, Toquinho e Vinicius de Moraes realizaram centenas de shows, lançaram cinco discos em solo italiano e abriram as portas para a música brasileira no Velho Continente

Por André Toso e Lucas Nobile Imagens: Arquivo pessoal de Fred Rossi

Em 1963, o casamento de Vinicius de Moraes com Lucinha Proença ruiu por uma série de diferenças entre os dois. Era apenas mais um exemplo da busca infinda do poeta pelo que, na contramão do desejo, insistia em minguar: o encantamento. Tanto a entrega quanto a desilusão serviam de motor para o seu processo de criação artística. Exemplo disso foi o compacto, lançado no mesmo ano da separação, com duas composições ao lado de Baden Powell: "Deixa" e "Samba da bênção". As provações dos versos deste último samba - que dizem que "a vida é a arte do encontro embora haja tantos desencontros pela vida" - permeariam o caminho afetivo e musical do poeta, e voltariam a se repetir no fim da década de 1960 com seu futuro e último parceiro, Toquinho.

No fim de 1968, Vinicius gravou em Roma um disco pela Fermata com músicas e poemas feitos em parceria com o poeta Giuseppe Ungaretti e com o cantor Sergio Endrigo. *La vita, amico, è l'arte dell'incontro* estava praticamente pronto para ser lançado, mas o produtor, Sergio Bardotti, achava que faltava leveza. Resolveu, então, convidar Toquinho para fazer um alinhavo musical sobre os versos. O violonista, que já estava na cidade - e havia sido apresentado a Bardotti pelo amigo Chico Buarque -, gravou sua participação apenas em 1969, ocasião em que não chegou sequer a cruzar com Vinicius. Pelos encontros e desencontros da vida, tinham início ali os onze anos da parceria mais produtiva da carreira do poeta.

Vinicius, ao escutar o álbum finalizado, perguntou a Bardotti de quem era aquele violão e pediu o telefone de Toquinho a fim de convidá-lo para uma série de shows na boate La Fusa, na Argentina, com a cantora Maria Creuza. A turnê, bem-sucedida, marcou o começo da amizade entre um homem já consagrado e um jovem ainda inexperiente. Em pouco tempo, surgiram as primeiras composições da dupla, como "Tarde em Itapuã", "A tonga da mironga do kabuletê" e "Como dizia o poeta", que deu nome ao primeiro disco da parceria lançado no Brasil.

Em uma fase de completo desprendimento de Vinicius, aqueles sambas compostos com um garoto 33 anos mais novo do que ele conquistaram o sucesso do público, mas não o da crítica. Os especialistas não aceitavam que um poeta que havia colecionado parceiros do gabarito de Tom Jobim, Edu Lobo, Baden Powell, Carlos Lyra, Cláudio Santoro e Moacir Santos descesse dos mais altos pedestais eruditos para se deitar nos braços do povo.

No início da década de 1970, o desbunde e o rejuvenescimento de Vinicius se acentuaram ainda mais. De maneira despretensiosa, em um bloquinho

de papel, o poeta começou a rascunhar poemas infantis em italiano e a pensar em acompanhamentos simples com seu violão. Encantado, o produtor italiano Sergio Bardotti sugeriu que a dupla gravasse o álbum na Itália, com o cantor Sergio Endrigo. Em 1972, foi lançado *L'arca*, segundo trabalho da parceria no país europeu. O sucesso do disco para crianças foi tanto que, anos depois, em 1980, o LP foi gravado em português com a participação de grandes nomes da música nacional. "O disco vendeu quase 400 mil cópias aqui. Na época, isso era um sucesso estrondoso", conta Toquinho.

Portas abertas

Na primeira metade dos anos 1970, Toquinho e Vinicius alternavam a rota do sucesso entre o chão e os ares. De carro, na companhia dos músicos Azeitona (baixo), Mutinho (bateria) e Roberto Sion (flauta transversal e saxofone), e do empresário Fred Rossi, rodavam pelo interior do Brasil nas turnês dos circuitos universitários. E de avião estabeleciam sua carreira no exterior - principalmente na Itália, na Argentina, no Uruguai e na França - ao lado de cantoras reveladas por eles, como Maria Creuza, Simone e as meninas do Quarteto em Cy.

É nessa época que os dois conseguem escancarar as portas para a entrada da música brasileira na Itália. Em uma tarde de 1975, da informalidade, nasceria um dos maiores discos da dupla, *Vinicius e Toquinho - O Poeta e o Violão*. Acompanhados por Sergio Bardotti, seguiam por uma estrada de terra e resolveram parar para almoçar em um restaurante. Após a refeição, sentados em uma das cinco mesas do quintal, Vinicius começou a cantar, acompanhado pelo violão de Toquinho. As pessoas presentes - apenas a família dona do restaurante, sem nenhum cliente - perguntaram se eles eram cantores. Os dois confirmaram e começaram a cantar "Chega de saudade" e outras canções. Os quatro membros da família nunca tinham ouvido música brasileira. Mesmo assim, envolveram-se completamente com o show particular. Logo depois da refeição, Bardotti disse:

- Vocês vão fazer um disco, assim, desse jeito, como foi a experiência neste restaurante. Não entrar no estúdio e gravar como vocês cantaram para essa família. Cantem o que quiserem, conversem, mandem recados da forma mais espontânea possível.

Na mesma semana, Toquinho e Vinicius entraram no estúdio, em Milão, e gravaram, por quatro horas, e com total liberdade, "Marcha da Quarta-feira de Cinzas", "Rosa desfolhada", "Januária", "Insensatez", "O velho e a flor", e diversas outras



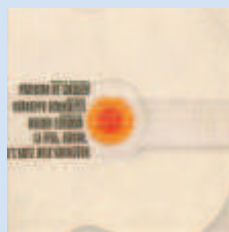
Toquinho e Vinicius no camarim do Teatro Tuca, em São Paulo, durante a última turnê da parceria

músicas deles e de outros compositores, executadas apenas com o violão de Toquinho e a voz de Vinicius. Em meio a comentários e brincadeiras entre as músicas, surgia o álbum que melhor caracteriza a dupla, mostrando a relação despojada e afetiva que os dois parceiros protagonizavam nos bastidores da vida. Em seguida, a dupla gravou *La voglia, La pazzia, L'incoscienza, L'allegria*, ao lado de uma das cantoras mais populares da Itália, Ornella Vanoni. Admiradora da música brasileira, Ornella foi uma incentivadora incansável de Chico Buarque, Roberto Carlos, Vinicius e Toquinho no seu país. "Devo grande parte de meu sucesso por lá a três pessoas: Franco Fontana, Sergio Bardotti e Ornella Vanoni", diz Toquinho. O álbum, que no Brasil foi lançado em 1976, com o título de *Se ela quisesse*, é um dos melhores da parceria, por apresentar arranjos bem elaborados e letras cantadas em italiano.

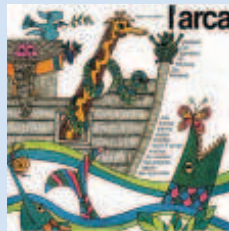
A última grande cartada da dupla em solo italiano foi a reedição da famosa turnê iniciada no Canecão, no Rio de Janeiro. Acompanhados por Tom Jobim e Miúcha, Vinicius e Toquinho, no dia 11 de outubro de 1978, encerraram na Itália uma das séries de shows mais marcantes da história da música popular brasileira. Dois anos depois, na tarde de 9 de julho de 1980, com a morte de Vinicius, Toquinho viu sua vida mergulhada em incertezas. Por recomendação do produtor Franco Fontana, o violonista lançou na Itália o maior sucesso de toda sua carreira, "Aquarela", gravada originalmente em italiano. Apenas três dias depois de ser apresentada pela primeira vez, a música atingiu o topo das paradas italianas, posição que ocupou pelos três meses seguintes. "Eu não imaginava aquele sucesso descomunal, com uma música longa, sem refrão. Foi a primeira vez que um artista brasileiro ganhou um disco de ouro na Itália", conta o violonista. Em 2009, Toquinho completou 40 anos de sucesso no país europeu. De origem italiana, criado no bairro paulistano do Bom Retiro, ele afirma que em muitos momentos da carreira fez mais sucesso na Itália do que no Brasil. Durante a entrevista, realizada na região dos Jardins, em São Paulo, atendeu o telefone falando italiano fluentemente com um amigo. "Conheço muita gente na Itália, acho que já fiz mais voos para lá do que muito piloto experiente", afirmou, sorrindo.

André Toso e Lucas Nobile, ao lado do jornalista Roberto Paes, estão finalizando a preparação do livro "O Poeta e o Violão", que conta a história da parceria de Toquinho e Vinicius de Moraes. A obra ainda não tem editora definida.

A Itália fez parte de toda a trajetória de Vinicius e Toquinho. Confira os álbuns gravados por eles no país europeu.



La vita, amico, è l'arte dell'incontro (1969): Vinicius gravou sua parte para o disco em 1968 e, um ano depois, Toquinho fez o alinhavo musical. Apesar de não terem se conhecido pessoalmente durante as gravações, é considerado o primeiro trabalho da parceria.



L'arca (1972): é o segundo disco da parceria no país europeu. As canções infantis se tornariam uma marca da dupla. O sucesso foi tamanho que, em 1980, o disco foi lançado no Brasil com grande aceitação.



Toquinho e Vinicius - O Poeta e o Violão (1975): o que era para ser apenas uma gravação sem compromisso se transformou no disco que melhor simboliza a parceria. Dentro do estúdio em Milão, a dupla mostrou aos italianos toda a simplicidade e o despojamento que a música brasileira pode alcançar sem ser banal ou piegas.



La voglia, La pazzia, L'incoscienza, L'allegria (1976): este álbum é considerado pelo próprio Toquinho como a grande porta para o sucesso da parceria na Itália. Gravado com a cantora Ornella Vanoni, é visto como um dos discos mais bem arranjados da dupla.

Cinema

Nada mais que a realidade

Principal responsável pelo neorealismo italiano, Roberto Rossellini abriu caminho para a modernização do cinema e vislumbrou a televisão como instrumento voltado à educação

Por Daniel Lima Imagens: Divulgação Versátil

"A grande força de Rossellini vem da sua absoluta falta de imaginação", disse certa vez, à guisa de elogio, o cineasta francês Eric Rohmer. O sentido do comentário, que poderia facilmente ser interpretado como crítica contundente, se faz diante da constatação da grande contribuição do italiano Roberto Rossellini ao cinema: foi ele o principal apologista da busca da realidade por meio dos filmes, sem artifícios e sem dramatizações desnecessárias. Essa estética ganhou o nome de Neorealismo, e Rossellini, o epíteto de "pai do cinema moderno" pela publicação francesa *Cahiers du Cinéma*, a mais respeitada do mundo sobre a sétima arte.

O cinema foi o grande formador do jovem Rossellini, nascido em maio de 1906, em Roma. Seu pai construiu a primeira sala de cinema da cidade e lhe garantiu passagem livre entre as sessões. O contato íntimo com os filmes lhe provocou o interesse pelo lado técnico da arte, e Rossellini passou a trabalhar

como assistente de som e, posteriormente, de direção. Entre 1936 e 1941, dirigiu seis curtas-metragens, alguns inacabados ou censurados, outros finalizados, mas hoje perdidos.

A profissionalização viria aos 22 anos, viabilizada por uma relação que causaria uma mancha em sua biografia, estigma moral com o qual conviveria a vida inteira. Roberto era amigo de Vittorio Mussolini, filho do ditador fascista Benito Mussolini e apontado pelo pai como responsável pelos filmes de propaganda do regime. Vittorio convidou Rossellini para dirigir um longa-metragem, e ele aceitou. Seu primeiro trabalho sob esse esquema foi *La nave bianca* (1941), a respeito de um navio-hospital italiano. Filmaria ainda outros dois - *Un pilota ritorna* (1942) e *O homem da cruz* (L'uomo della croce, 1943) - enquanto, em paralelo, acumulava registros documentais de grupos de resistência anti-Mussolini. O último filme de seu "período fascista", aliás, já nem era fascista - mas um melodrama realista filmado com câmera de mão, *Nono mandamento: não desejar* (Desiderio), o que muitos consideram o primeiro filme neorealista produzido. Rossellini, no entanto, não pôde concluir o filme por causa do início da 2ª Guerra.

A experiência de *Desiderio* serviu de base para sua mais conhecida obra, *Roma, cidade aberta* (Roma, città aperta, 1945), cujo roteiro Rossellini escreveu com Federico Fellini e Sergio Amidei. Para contar a história de italianos que resistem à ocupação nazista durante a 2ª Guerra Mundial, o diretor filma em locações reais sob condições técnicas mínimas, usando muitos não atores (embora com profissionais nos papéis principais) e servindo-se de iluminação natural, em uma abordagem quase de documentário, mas aplicada a uma ficção profundamente interessada na vida dos homens comuns e dos trabalhadores. Seus filmes seguintes, *Paisà* (1946) e *Alemanha, ano zero* (Germania, anno zero, 1947) consolidariam a estética do neorealismo como a ausência de artifícios melodramáticos e o uso de planos de foco profundo, além da grande preocupação humanista em suas histórias.

Nesse momento, Rossellini passa a ser um dos mais celebrados diretores do cinema italiano, ao lado de



Rossellini começou cedo a trabalhar com cinema: aos 22 anos já era profissional. Mas seus primeiros trabalhos foram de propaganda do regime fascista, mancha que ficou em sua biografia

nomes como Vittorio De Sica e Luchino Visconti. Cortejado por Hollywood, decide permanecer na Itália. Mas pelo menos uma manifestação de apreço por seu trabalho teria influência decisiva sobre sua vida: uma carta enviada pela bela atriz sueca Ingrid Bergman (de clássicos como *Casablanca*, de Michael Curtiz, e *Interlúdio*, de Alfred Hitchcock), que declara admiração por *Roma, cidade aberta* e *Paisà*. O bilhete é singelo: depois de elogiar seus filmes, Ingrid diz que se ele precisar de "uma atriz sueca que fala inglês muito bem, não esqueceu alemão, não é muito inteligível em francês e que em italiano sabe apenas 'ti amo'", ela estaria à sua disposição. A relação profissional rapidamente se transformou em escândalo amoroso - ambos eram casados na época em que começaram o caso.

Entre 1949 e 1954, Rossellini transformaria Ingrid Bergman em sua musa, fazendo-a estrear cinco de seus filmes - *Stromboli* (Stromboli, terra di Dio, 1949), *Europa 51* (1952), *Viagem à Itália* (Viaggio in Italia, 1953), *Joana D'Arc de Rossellini* (Giovanna d'Arco al rogo, 1954) e *O medo* (La paura, 1954). É nesse período que o diretor seria mais atacado, tanto em decorrência de sua vida pessoal com Ingrid quanto em razão da mudança estilística relativamente às obras anteriores. Já não se filiava ao neorealismo: a preocupação social era substituída por investigações espirituais e filosóficas, com personagens em busca de significados sobre sua presença no mundo. São esses os filmes aos quais a revista *Cahiers du Cinéma* credita a influência sobre o cinema moderno.

O fim do relacionamento entre Rossellini e Ingrid foi marcado por projetos cinematográficos: em 1957, ao visitar a Índia para realizar documentários (*L'Índia vista da Rossellini*, um conjunto de dez episódios para a TV, e *Índia, Matri Buhmi*, um documentário de longa-metragem), o diretor conhece a roteirista Sonali Das Gupta, com quem teria um caso e, posteriormente, quando ainda casado com Ingrid Bergman, uma filha.

No início da década de 1960, o cineasta deu sua guinada mais polêmica, mais radical até do que a dos escândalos amorosos: a transição para a televisão. "O cinema está morto", chegou a justificar - gerando reações violentas, como a de Hitchcock, que respondeu que apenas o cinema de Rossellini então se extinguiu. O interesse de Rossellini, porém, residia nas possibilidades de disseminação da cultura pelo novo meio. "A sabedoria humana está se expandindo numa velocidade vertiginosa, e, para acompanhá-la, os indivíduos precisam multiplicar suas capacidades atuais. Apenas novos métodos de educação e comunicação poderão levá-los a isso", justificou, certa vez. Ou, como resume o diretor estadunidense Martin Scorsese, seu objetivo "era, nada mais, nada menos, que educar o mundo inteiro".

O resultado dessa utopia seria uma série de



documentários históricos sobre figuras como Pascal, Sócrates, Descartes, Luís XIV e Jesus Cristo. E essa obra educativa, aparentemente tão distante dos marcos neorealistas que fincou na década de 1940, seria apenas a continuidade da atenção de Rossellini pela história. Como diz sua filha, a atriz Isabella Rossellini, o pai sempre teve interesse pelo cenário histórico por trás das narrativas que filmou, mas suas obras mais conhecidas tratavam de temas de seu próprio tempo. De uma forma ou de outra, o contato com a realidade e sua reflexão, seja pela história ou pela filosofia, esteve no centro da obra de Rossellini até sua morte, por ataque cardíaco, em 1977. Com ele, o cinema não aprendeu apenas a aproximar-se da realidade, mas também a refletir a partir dela.

Roma, città aperta, foi o maior sucesso do cineasta.

O roteiro foi escrito em parceria com Federico Fellini e Sergio Amidei



A atriz sueca Ingrid Bergman, com quem viveu um romance duradouro, foi musa do cineasta em cinco filmes. Ao lado, cenas dela em Europa 51, e abaixo, em Viaggio in Italia



Perfil

Das conjunções improváveis

Aos 85 anos, Paulo Vanzolini, um dos mais renomados zoólogos do mundo e um dos grandes compositores vivos do Brasil, mostra que a sua humanidade reside em facetas contraditórias

Por André Kameda

Em uma pequena casa geminada, localizada numa vila escondida do bairro de Vila Mariana, mora um grande homem. À porta do imóvel, um guarda-chuva encostado na parede denuncia o tempo nublado. É por causa do clima frio que esse homem desce as escadas do sobrado vestido com calças e jaqueta. A descida é feita com certa dificuldade - os 85 anos já não permitem a agilidade de tempos antigos. Mas é só sentar na poltrona da sala e começar a trocar palavras para perceber que ele continua lúcido e afiado. Estamos falando de Paulo Vanzolini, um dos mais respeitados zoólogos do mundo e um dos grandes compositores vivos do Brasil.

Conversador contumaz, Vanzolini vai desfiando uma história atrás da outra. Fala de música tanto quanto sobre política, e com igual desenvoltura. Mas, na hora de definir as coisas, assim como quando compõe seus sambas, tem a precisão de um cientista. É breve e vai com exatidão ao ponto. Aliás, a concisão, sempre acompanhada da ironia, é um dos traços que sempre admirou em outros compositores. "É incrível como Noel Rosa, por exemplo, faz pouco dele mesmo na letra de seus sambas", aponta. Para Vanzolini, Adoniran é outro exemplo de tiro certo. "Aquele verso 'Inês saiu dizendo que ia comprar um pavio pro lampião' diz tudo sobre periferia. Dez tratados não definiriam tão bem o que é a periferia em São Paulo", disse certa vez.

Boemia e trabalho, arte e ciência

Os três infartos que teve no mesmo dia, cinco anos atrás, já não o deixam frequentar com a mesma assiduidade os bares de São Paulo. Seu passatempo tem sido ler: a cabeceira ostenta a obra completa de Shakespeare e ele acaba de terminar a *História da Civilização Brasileira*, de Sérgio Buarque de Holanda. Quando está cansado, assiste à televisão, o que faz com ressalvas. "A programação é uma porcaria". Porém, mesmo com a idade avançada, vai sempre que dá, nos fins de semana, a um botiquim de apelido Deus me Livre. Nesse bar, localizado a 500 metros de sua casa, costuma ouvir o grupo "Os Ignorantes do Samba", que toca música de raiz e do qual seu enteado faz parte. "Sou mais conhecido aqui na vila do que no Butantã".

A referência ao bairro da zona oeste da cidade talvez mostre certa amargura, pois é lá que fica o Instituto Butantan, centro de pesquisa científica de animais peçonhentos e o maior produtor nacional de soros e vacinas. A paixão pela zoologia nasceu ali, quando, aos dez anos, visitou o instituto, de bicicleta. O tom amargo com que fala de lá provavelmente tem origem na falta de reconhecimento do país, em particular de suas instituições de pesquisa, pela carreira científica de Vanzolini - que lá fora tem seu valor reconhecido.

O prestígio internacional veio em 1969, com a Teoria dos Refúgios, hipótese que explica a biodiversidade da Amazônia à luz do evolucionismo de Charles Darwin. Em parceria com o biólogo estadunidense Ernest Willians, Vanzolini descobriu que a floresta amazônica passava por ciclos de umidade e secura. Nos períodos secos, a mata se reduzia a algumas manchas isoladas, o que separava animais da mesma espécie. Quando a floresta tornava-se úmida novamente, essas manchas se reagrupavam e os bichos já tinham criado diferenciações, o que os impedia de procriar. Quando estava a seis meses de concluir o estudo, Vanzolini recebeu um artigo da revista Science para dar um parecer. De autoria do ornitólogo alemão Jürgen Haffer, o estudo trazia a mesma hipótese



Arquivo Pessoal Paulo Vanzolini

"Sou um trabalhador honesto. E é tão fácil andar direito, tanta gente anda, não é?", diz o compositor de sambas sem malandragem. Na foto, Vanzolini em sua casa, nos anos 50

sobre a qual o brasileiro se debruçava. "Entusiasmado, mandei uma carta para ele contando que havia uma grande coincidência. Ele veio de Johannesburgo para São Paulo, e nós acabamos com a cerveja da cidade", brinca.

Foi a consagração de uma carreira que havia começado com a visita ao Butantan, e depois com o estágio que fez no Instituto Biológico aos 14 anos. Anos mais tarde, aconselhado por um amigo de seu pai, Vanzolini ingressaria no curso de Medicina da USP, onde teve a formação básica para se tornar herpetólogo - o zoólogo especialista em répteis. O doutorado seria feito logo em seguida, na Universidade de Harvard, nos Estados Unidos. "Devo muito à minha faculdade, porque eliminei metade dos créditos. Me doutorei em tempo recorde, dois anos e meio", afirma.

Na época da graduação, Vanzolini começou a frequentar as rodas de samba do Centro Acadêmico XI de Agosto, da Faculdade de Direito da USP. Por ser figura carimbada no lugar, muitos achavam que ele era estudante de Direito. Foi nesse período que compôs "Ronda", uma de suas canções mais conhecidas, mas que hoje ele considera uma obra menor. "Essa música só toca em karaokê. O mais engraçado é que, quando pedem em shows, escrevem Ronda com h".

A primeira gravação aconteceu por acaso. A cantora Inezita Barroso tinha ido ao Rio de Janeiro, em 1953, gravar "A moda da pinga", mas não tinha música para o lado B do disco. Como Vanzolini a acompanhava na viagem, pôde autorizar na hora a gravação de "Ronda".

Por esse tempo, Vanzolini trabalhou na TV Record, onde produzia o programa de Aracy de Almeida. O diretor da emissora chamou o compositor porque ninguém se dispunha a dirigir a cantora, considerada de gênio difícil. O que, na opinião de Vanzolini, não procedia. "Era uma pessoa doce, facilíma de trabalhar." Na Record, conheceu também Adoniran Barbosa, com quem saía todo dia para "tomar uma cachaça".

Os dois conversavam de tudo, menos sobre música. Vanzolini se lembra de um episódio em que Adoniran falava sobre ele. Perguntado sobre uma suposta rivalidade entre os dois, Adoniran responde: "Olha, o Paulo é o erudito e eu sou o pitoresco. O samba é igual a tudo e nós somos amigos." Ironicamente, nunca conseguiram compor em parceria, embora tenham lançado um disco no qual constam as mais famosas canções de ambos. Outro episódio é do período em que Vanzolini estava compondo a letra de "Pedacinhos do Céu", choro de Waldir Azevedo - que, por sinal, demorou 25 anos para ficar pronta. O primeiro verso da canção diz: "tem nos teus lábios dois favos de mel". Certa noite, o compositor sonhou que Adoniran sussurrava ao seu ouvido: "Fala flávios, Paulo, fala flávios". Vanzolini ainda chegou a compor um



Divulgação

samba para Adoniran, chamado "Seu Barbosa". Outra amizade da qual se recorda com saudades é a que teve com Geraldo Filme, compositor da escola de samba Vai-Vai e autor de sambas como "Silêncio no Bexiga". Boêmio que era, Vanzolini ficava até tarde da noite na rua. Como os ônibus paravam de circular na madrugada e ele não tinha dinheiro para o táxi, ia a pé para casa. No caminho, vira e mexe se encontrava com "Geraldão", que o convidava a entrar na quadra da escola de samba Paulistano da Glória. "Ficávamos lá, tomando cerveja e batendo um papo", lembra.

A boemia de Vanzolini encontrou um de seus pontos fixos quando o amigo Luiz Carlos Paraná resolveu abrir o bar Jogral, que se tornou o reduto preferido dos músicos em São Paulo. Violonista conhecido na noite paulistana, Paraná estava cansado da vida de músico, de rodar de bar em bar ganhando mixaria. Conseguiu dinheiro emprestado da mãe de uma amiga e realizou o sonho de ter um lugar seu para tocar. A primeira sede foi na Galeria Metrôpole, na avenida São Luís.

"O Jogral era ótimo: barato, com música de primeira e ambiente muito agradável", recorda Vanzolini. A ideia era fazer um bar sem microfone,

Os 85 anos do sambista e zoólogo Paulo Vanzolini, comemorados em abril, foram coroados pelo lançamento do documentário Um homem de moral, do diretor Ricardo Dias

onde o cantor podia ir à mesa do freguês e perguntar o que ele queria ouvir. Como o bar era pequeno, todos podiam ouvir o som tranquilamente. Por ali, circulavam artistas como Maysa, Adoniran Barbosa e Trio Mocotó. Os cantores Martinho da Vila e Jorge Ben foram revelados no Jogral. Além disso, o bar presenciou histórias emocionantes, como a do primeiro disco de Cartola.

Nessa ocasião, o produtor musical J. C. Botezelli, mais conhecido como "Pelão", havia chegado bêbado ao Jogral. Começou uma conversa com Aluísio Falcão, então diretor artístico da gravadora Marcus Pereira, para tentar convencê-lo a gravar o sambista manguereense. Aluísio retrucou que não daria para negociar daquele jeito, que estavam bêbados, e que voltassem a trocar idéias pela manhã. No dia seguinte, os dois foram conversar com Marcus Pereira, ambos de ressaca. E conseguiram persuadi-lo a gravar o primeiro disco de Cartola.

Outro ponto de boemia de Vanzolini era o Bar do



O trabalho como zoólogo sempre foi a paixão de Vanzolini. Acima, em Boraceia, década de 50.

Ao lado, em embarcação no Rio Amazonas, década de 60. Mais à direita, em visita do então reitor da USP, Miguel Reale, e do vice-reitor Orlando Marques de Paiva ao Museu de Zoologia (dezembro de 1971)

DanteCultural

Museu, localizado no edifício dos Diários Associados, na rua Sete de Abril. Lá, Vanzolini se encontrava com parte da intelectualidade paulistana, como o crítico de cinema Paulo Emílio Sales Gomes, o diretor teatral Alfredo Mesquita, o crítico literário Antonio Candido e o jornalista Arnaldo Pedroso d'Horta, um de seus mais próximos amigos. "Toda tarde a gente ia pra lá. Era barato, reservado, só a nossa turma mesmo". Quando o lugar fechou, o artista plástico Francisco Rebolo Gonzales resolveu fundar o Clube dos Artistas e Amigos da Arte, com a mesma turma que frequentava o Bar do Museu. A primeira sede foi numa galeria de arte na rua Barão de Itapetininga. Antes de fechar, o clube ainda se mudou para dois lugares: ocupou o subsolo do Edifício Esther, na Praça da República, e um andar do Instituto dos Arquitetos, na rua Bento Freitas.

Por incrível que pareça, o boêmio nunca atrapalhou o cientista. Paulo Vanzolini se orgulha de nunca ter faltado a um dia de trabalho e sempre ter conseguido conciliar as duas facetas. "Sou um trabalhador honesto. E é tão fácil andar direito, tanta gente anda, não é?", diz. Numa dissertação de mestrado sobre a sua obra, a autora Ludmylla Mendes Lima fez uma pesquisa nas letras de seus sambas e não conseguiu encontrar as palavras "malandro" e "malandragem". Na sua última composição, "Quando eu for, eu vou sem pena", de 1997, Vanzolini assegura sua posição: "O que eu fiz é muito pouco/ Mas é meu e vai comigo/ Deixo muito inimigo/ Porque sempre andei direito".

Na faculdade, ocorreu um episódio exemplar de sua conduta. No fim do ano letivo, o professor de anatomia aplicava um teste e pedia que os alunos não fizessem algazarra, em respeito ao indigente "que resgatava sua dívida com a sociedade, servindo para formar médicos". Vanzolini entregou a prova em branco e disse ao professor: "Eu vou para algum lugar em que indigente não tenha dívida com a sociedade". Vanzolini tirou zero na prova, repetiu de ano, mas, em compensação, recebeu anos depois um recado daquele professor: "Pensando bem, você tinha razão, indigente não tem dívida com a sociedade".

O "homem de moral" Paulo Vanzolini talvez tenha



Arquivo Pessoal Paulo Vanzolini

sido forjado em casa, por seu pai, o engenheiro Carlos Alberto Vanzolini. Foi ele quem propiciou a melhor educação para o filho, deu conselhos e, quando precisou, complementou o salário dele na sua temporada nos Estados Unidos. Em casa, tinha uma biblioteca bem servida: na adolescência, já tinha lido os escritores franceses Molière e Racine.

Ancestrais

A família Vanzolini veio da Calábria, no Sul da Itália, no fim do século XIX. Quem aportou em terras brasileiras foi o bisavô paterno de Vanzolini, que saiu do país natal por causa de sua opção política: o anarquismo. Como eram malvistas pelo governo, ele teve de vir para o Brasil fugido da polícia. No Paraná, participou da Colônia Cecília, experiência anarquista pioneira no Brasil.

Paulo Vanzolini diz, brincando, que os feitos da família já ultrapassam as fronteiras nacionais. Quando o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, fez seu discurso de posse no início do ano, duas pessoas telefonaram para o compositor, dizendo que o governante norte-americano estava citando uma de suas canções mais famosas, "Volta por cima". Na ocasião, Obama disse: "Starting today, we must pick ourselves up, **dust ourselves off**, and begin again the work of remaking America" (algo como: "A partir de hoje, precisamos nos recompor, sacudir nossa poeira, e reiniciar o nosso trabalho de reconstruir a América"). A letra do samba, por sua vez, diz: "levanta, sacode a poeira, dá a volta por cima". Alguns jornais brasileiros chegaram inclusive a noticiar a coincidência. A expressão "dar a volta por cima", aliás, tornou-se tão popular que o dicionário *Aurélio* dedica um verbete a ela, fazendo referência ao samba.

Porém, no documentário sobre a vida do sambista, *Um homem de moral*, que entrou em cartaz em junho deste ano, Paulo Vanzolini diz que reconhecer a queda é mais importante do que dar a volta por cima. A frase resume a sabedoria desse homem,



Arquivo Pessoal Paulo Vanzolini

Com Paulinho da Viola, em ensaio para a gravação do álbum *Acerto de contas*, em 2002

que conseguiu equilibrar a vida entre contradições. Sua existência se firmou na tênue linha entre arte e ciência, entre boemia e trabalho, entre prosa e poesia. E é talvez dessas "conjunções improváveis", para usar expressão de seu "Samba abstrato", que emerge a sua grande humanidade.



Arquivo Pessoal Paulo Vanzolini

No bar *Jogral* (um dos redutos de cantores e compositores frequentado por Vanzolini), com a cantora *Márcia*, na década de 80

Samba erudito - conheça Paulo Vanzolini

LPs

- Onze sambas e uma capoeira (1967) Marcus Pereira
- Adoniran Barbosa e Paulo Vanzolini - *A Nova História da MPB - Volume 45* (1978) Abril Cultural
- *A música de Paulo Vanzolini* (1974) Marcus Pereira
- Paulo Vanzolini por ele mesmo (1981) Eldorado
- Paulo Vanzolini - *Grandes Compositores - Série Inesquecível* (1990) RGE

CDs

- Paulo Vanzolini (1997) Movieplay
- *Acerto de contas* (2003) caixa com 4 CDs - Biscoito Fino

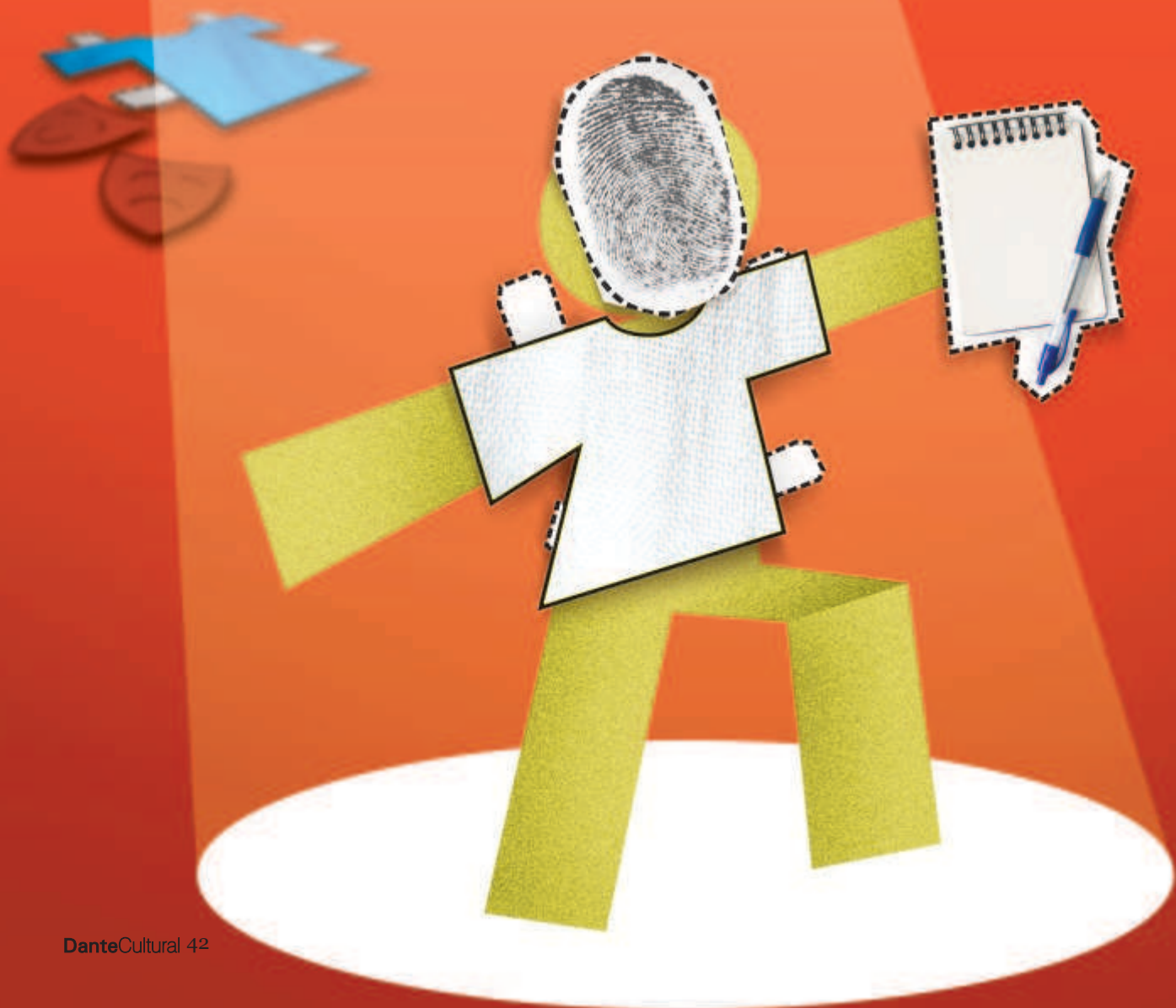
Livros

- *Lira - poemas* (1951) Cadernos do Clube de Poesia
- *Tempos de cabo - poemas* (1981) Editora Palavra e Imagem

TV e Cinema

- *Ensaio* - programa musical veiculado na TV Cultura (2003)
- *Roda Viva* - programa de entrevistas veiculado na TV Cultura (2003)
- *Um homem de moral* - documentário - direção de Ricardo Dias (2009)

Espaço Aberto



Escreva a sua carta

Por Adriano De Luca Ilustração: Milton Costa

Até uma certa época da vida, o rapaz de camisa azul gostava de discorrer sobre as origens do seu sobrenome. Falar da saída dos seus bisavós calabreses em direção ao Brasil o fazia lembrar de algumas canções italianas, que remetiam a datas especiais comemoradas em família, como o Natal, as quais por sua vez traziam memórias olfativas, como cheiro de cereja, nozes e fios de ovos. Ou seja, tudo se resumia em comida - ainda que cerejas, nozes e fios de ovos não tenham um aroma representativo. Em conversas com amigos antigos e tediosos, ou até em meio a novos flertes dos quais não sabia o que esperar, trazia o assunto à tona, um bocado orgulhoso, mas sempre de maneira infiel aos fatos, já que deles pouco sabia. Então inventava mais da metade do que dizia. Nem todos os sentimentos eram tão profundos, nem todas as flores eram tão viçosas, nem todos os amores e pragas eram tão complexos e doloridos. Amores e pragas, fios de ovos, camisa azul e ciúme. Ciúme porque os amigos que tinha só podiam ser seus, e uma nova paixão só devia borbulhar debaixo dos seus pés, e apenas dos dele. Estava ali para dar risada, abrir a boca e fingir que tudo estava certo, sob o seu comando. Só que quando chorava em seu quarto escuro, escondido de si mesmo com as mãos no rosto, brincava de ser ator e contava, envaidecido, quantas lágrimas conseguia derrubar no chão. Fortalecido por essas histórias falsas do passado, criava ainda outras para o presente, e formulava sonhos e metas que não eram seus. Fala, fala, fala. Brinca, conta piada, abraça alguém, sorri para todos. Adornado com esses trejeitos peculiares e movido pelas manias que ele criou para si, contentava-se em respirar suas próprias lorotas e lustrar todas as manhãs os seus sapatos falsos, que o levavam por caminhos cinzas e pontes bambas, já que tudo dentro de sua redoma era sólido como uma espuma de sabão. Não é o tipo da pessoa má, apesar de tudo, mas apenas alguém que, uma hora, será pego no pulo. E, nesse pulo, vai engasgar e se sacudir bastante. Como uma vela vermelha e dourada de fim de ano, que é magnífica e solene até que acendam seu pavio. Enfim, para o nosso rapaz de camisa azul era divertido ser do contra, e ele semeava pequenos grãos de uma neurose obsessiva-compulsiva só porque um dia, alguém da família cujo nome nem sabia, também foi assim, um louco de pedra. Então ele contava os azulejos do banheiro, tinha crises de ansiedade e não conseguia respirar em momentos de tormenta e decepção. Praguejando por praguejar, como uma velha ranzinza, ouviu certa vez o que não queria:

- De tanto ficar na garrafa, uma hora o vinho azeda.

Como tinha sempre na manga uma resposta de raposa, mandou:

- De tanto ficar na parreira, uma hora a uva adoça.

Nem sempre o raciocínio de suas respostas tinha sentido, mas a composição da frase devia ser elegante e pretensiosa, como um poeta que responde a um agravo. Mas foi aí que, chegada uma certa época da vida, algum sino badalou na sua orelha. A raposa acordou diferente, e sua cabeça sempre agitada encontrava-se agora em silêncio. O mar serenou sem que ele precisasse pisar na areia. Assim, sentado na cama, quieto, quietinho. Calado, no ninho. Num canto qualquer. Assim mesmo, desse jeito, jeitinho. Discreto e surpreso. No fim do caminho. Um resto de toco, e ele sozinho. Palavra por palavra, entre miudezas e meros detalhes, foram-lhe surgindo algumas ideias, como uma poesia curta, magra, magrinha. Foram-lhe surgindo novos ritmos, bem de leve, como um choro, chorinho. E então ele decidiu escrever uma carta em forma de música, de repente, do nada. Uma carta para ninguém ler, mas para ele ter sempre à mão. Nela ele dizia que estava cansado de sempre buscar uma justificativa para as coisas, ou de remoer perdas e possibilidades que jamais voltariam. Renegou, até certo ponto, suas próprias certezas, uma vez que nem eram suas, mas tomadas de alguém que vira em um retrato antigo na cômoda da sala. Pensou nas pessoas de quem realmente gostava, e contentou-se em descobri-las. Decidiu que as deixaria em paz, sem cobrança, sem brindes no bar, sem mensagens engraçadinhas no celular. Pegaria o ciúme, amassaria bem com as mãos e jogaria pela janela. Pronto. Despiu-se da necessidade de ter sempre alguém por perto, que o olhasse com admiração, que o convidasse para um happy hour, que dissesse o que ele queria ouvir: "Você é um cara legal". Ele se achava legal, e achou que conseguiria arrancar algumas fantasias que vestira até ali. Não precisava mais atuar. Que palco da vida que nada! Os holofotes, a maquiagem, o figurino e as falas decoradas não serviam mais para ele. Contou nos dedos quantos dias vivera até aquele momento, e fez um cálculo idiota e aproximado de quantos poderiam restar. É, ainda dava tempo de se divertir. Anotou o número de dias no fim da carta, dobrou o papel ao meio e passou a carregá-lo no bolso da camisa, perto do coração. Brancas, as camisas. Desfez-se de todas as azuis, e decidiu ser compositor.

Ensaio fotográfico

Por Arthur Fujii

A cidade sempre teve a fama de ser predominantemente cinza, com referências ao concreto, ao asfalto, aos grandes edifícios. No entanto, justamente devido ao caos urbano, deixamos de perceber que toda cidade possui suas cores, vivas, combinadas ou não, em diversas escalas.

Na busca por um detalhe marcante, em longas caminhadas e em olhares atentos, as cores da bandeira italiana foram se mostrando. E este é o tema deste ensaio fotográfico.



Rua Dona Antonia de Queirós, Consolação

Parque do Ibirapuera





Avenida Paulista



Praça da Liberdade
Avenida Nove de Julho





Rua Manoel Dutra, Bela Vista



Por Silvia Percussi
Fotos: Tadeu Brunelli

Gastronomia

Um povo gourmet

A Emilia-Romagna é a terra da cozinha rica e criativa. O espírito jovial e generoso das pessoas se manifesta especialmente à mesa, com pratos de cores marcantes e sabores intensos, dignos de um povo de verdadeiros gourmets. Além disso, a gastronomia agrega seus valores ao que, para os "emilianos", é um dever sagrado: a hospitalidade. Os hóspedes devem ficar sempre totalmente à vontade.

Geograficamente, a região se divide de modo muito simples: ao Ocidente, a Emilia, com suas vastas planícies favoráveis à agricultura e aos pomares; e a Leste, a Romagna, que se estende ao longo da costa do mar Adriático. Sob o aspecto gastronômico, porém, a Emilia-Romagna é um mosaico de surpresas. Cada cidade tem suas próprias especialidades, que, com frequência, se transformam em autênticos tesouros da cozinha nacional. O queijo *parmigiano reggiano* e o presunto cru de Parma são exemplos de iguarias renomadas em todo o mundo.

A Emilia se destaca por seus embutidos e queijos, oriundos das necessidades nômades, que impunham a conservação dos alimentos. Já a Romagna é mais conhecida pelo cultivo de oliveiras, por seus pães, pelo cozimento feito em recipientes de barro, e por atividades como a pesca e o pastoreio. As espécies de peixes presentes nos lagos são, aliás, bem numerosas.

Os embutidos da Emilia-Romagna são produtos muito famosos: a *mortadella* de Bolonha e a *salama da sugo ferrarese*, ambas com Indicação Geográfica Protegida (IGP); o *zampone* e o *cotechino* de Modena; a *pancetta* e o salame de Canossa, na província *reggiana*; a *coppa*, a *pancetta* e o salame *piacentini*.

E do cultivo de videiras, também em todo o território regional, deriva uma produção de vinhos que acompanham muito bem a gastronomia local. Entre os mais conhecidos, temos o Lambrusco e o

Sangiovese. Também decorrente das videiras, uma outra especialidade (de Modena) é o *aceto balsamico* tradicional, com sua maturação que leva anos.

O elemento que une a cozinha regional é a massa (feita rigorosamente à mão), que aparece nas mesas emilianas-romanholas nos mais diversos formatos e com recheios diferentes. Os recheios variam entre carne bovina, aves, ricota com ervas, queijos e ovos. Seus pães também se destacam, com muitos formatos e diferentes métodos de preparação.

Cada cidade tem sua especialidade: Bolonha é célebre pelos *tortellini*, com seu recheio típico que exalta o gosto da mortadela. Em geral são servidos com o ragu de carne ou no caldo de frango. O *tortellino* é provavelmente a massa mais popular da Itália e, segundo a tradição, representa o umbigo de Venus. Outros *primi piatti* tradicionais da cidade são as *tagliatelle* com ragu de carne e a massa recheada e aquecida no forno, conhecida como *lasagna*. Em Ferrara e em toda a Romagna, a especialidade são os *cappelletti*; ainda em Ferrara, os *tortellini* são recheados com queijo e abóbora, e chamados de *capellacci*, enquanto o recheio tradicional da lasanha é muitas vezes substituído por peixes e camarões provenientes do Adriático; os *tortellini* de Piacenza são recheados de ricota e ervas; em Modena, triunfam os *ravioli* à base de carne assada; Parma é a cidade dos *anolini*, servidos com molho de presunto e cobertos de parmesão.

Os *secondi piatti* também têm relevância no quadro gastronômico: podemos escolher entre uma grande variedade de especialidades, como os *bolliti misti*, o *erbaccione emiliano* (com acelga, ricota e parmesão), os *pisarei e fasò*, o chapéu de padre e muitos outros. Também são abundantes os pratos de caça, como o javali, o faisão e a lebre. Entre as verduras, são usadas com frequência as cenouras, o salsão, as alcachofras e as cebolas.

Ragù alla bolognese

Ingredientes:

60 g de gordura suína
60 g de *pancetta* ou bacon
1 talo de salsão
1 cenoura
1 cebola
150 g de carne suína moída
150 g de polpa de carne bovina moída
pimenta, sal, noz-moscada
1 copo de vinho branco
1 copo de caldo de carne
60 g de molho de tomate

Modo de preparo:

Refogue em fogo baixo a *pancetta* na banha suína, com a cebola, o salsão e a cenoura picadinhos. Junte a carne, o sal, a pimenta e um pouco de noz-moscada. Regue com o vinho e o caldo de carne, e adicione o molho de tomate. O segredo é cozinhar o ragù por pelo menos duas horas em fogo bem baixo, mexendo de vez em quando. Sirva como molho para a massa de sua preferência.





La stria

Ingredientes:

300 g de massa de pão
Azeite
20 g de banha
150 g de lardo (gordura suína)
Bacon ou *pancetta*
Sal

Modo de preparo:

Prepare uma massa de pão ou de pizza, acrescentando um pouco de azeite e a banha. Unte uma forma e deite a massa da *stria*. Depois, cubra com lardo picadinho, tempere com sal grosso e aperte, para que este penetre na massa. Leve ao forno preaquecido a 180° C até a massa ficar amarela clara. Retire do forno e sirva com fatias finíssimas de bacon ou *pancetta*.

La torta buonissima

Ingredientes:

Para a massa:

300 g de farinha de trigo
170 g de açúcar
150 g de manteiga
2 ovos
Baunilha
Sal

Recheio:

170 g de nozes
200 g de mel
1 copinho de rum

Modo de preparo:

Sobre uma superfície, coloque a farinha, os ovos, depois o açúcar, a baunilha e a manteiga em temperatura ambiente. Misture todos os ingredientes sem muito esforço, faça uma bola e a enrole em um plástico. Leve-a à geladeira e a deixe descansar por 30 minutos. Enquanto isso, prepare o recheio. Moa levemente as nozes. Em uma vasilha, misture-as bem ao mel e adicione o copinho de rum. Depois, divida a massa em duas partes, mais ou menos iguais (uma metade levemente maior, já que servirá para a base e as laterais da torta). Unte uma assadeira redonda baixa com manteiga e a polvilhe com farinha de rosca. Em seguida, forre seu fundo com a massa. Espalhe o recheio e cubra com outro disco de massa. Asse em forno preaquecido a 180° C durante 30 minutos, levando em conta o calor de seu forno.



A chef Silvia Percussi, autora do livro "Funghi - cozinhando com cogumelos" (editora Keila & Rosenfeld), é responsável pelo cardápio do restaurante Vinheria Percussi desde 1988. Rua Cônego Eugênio Leite, 523, Jardim América. De terça a domingo. Fone: 3088-4920/3064-4094



SE A LUÍSA* PUDESSE, PASSARIA
O DIA TODO BRINCANDO DE CASINHA.



SE A JULIANA* PUDESSE,
INVENTARIA OUTRA BRINCADEIRA.

O Brasil tem hoje 27 milhões de crianças que vivem em situação de extrema pobreza.
1,2 milhão trabalham antes dos 13 anos de idade e mais de 90 mil estão
sujeitas a abuso e violência.

E nós estamos pedindo sua ajuda para mudar a vida de uma delas.

MOSTRE QUE VOCÊ SE IMPORTA. FAÇA A SUA DOAÇÃO AGORA MESMO.



Ligue 0300 10 12345 ou acesse www.doeagora.org.br/colegiodante

Turismo

Terra de múltiplas civilizações

A diversidade dos povos que ocuparam a Emilia-Romagna faz dela uma região enriquecida pela variedade de heranças culturais

Por Edoardo Coen

Fotos: Agência Nacional Italiana de Turismo (Enit)



*Já a partir de Rimini,
ao sul da região,
pode-se seguir pela
estrada que corta toda a
Emília-Romagna até
Piacenza, ao norte*



A meta da nossa visita desta edição é a **Emilia-Romagna**. Trata-se de duas regiões distintas e diferentes do ponto de vista histórico, com tradições diferentes, mas unidas por razões administrativas.

A **Emilia** tem esse nome devido a uma antiga estrada consular romana, a "Emilia", que a percorre, e que de Rimini segue até Piacenza. Foi construída em 187 a.C. pelos cônsules Emilio Scauro e Emilio Lépido.

Como todas as estradas da antiguidade, tornou-se, no decorrer dos séculos, um verdadeiro rio de história, já que em seu redor germinaram as bases dos acontecimentos que deram rumo à história da região. Por esse caminho, marcharam as legiões romanas que seguiam para conquistar as Gálias; mais tarde, foram substituídas pelos romeiros que se dirigiam ao centro da Cristandade, Roma; em seguida, passaram os bárbaros, os cruzados, os alemães, as tropas mercenárias, e, em épocas mais recentes, os exércitos em luta.

A **Romagna**, com uma superfície bem menor que a da Emilia, é voltada para o mar Adriático, e deve sua importância histórica justamente a uma cidade: **Ravenna**, que entre os séculos V e VI adquiriu uma importância destacada, por representar o maior centro político do Império Romano do Ocidente.

Bolonha, "La Dotta"

A primeira cidade dessa região a ser visitada é Bolonha, sua capital administrativa, chamada também de "La Dotta" (A Erudita), um apelido de origem medieval: é que a cidade era, e continua sendo, a sede da mais antiga universidade do mundo ocidental.

Mas, além disso, ela tem outra peculiaridade: de

súbito, nos atingem aromas de suculentos molhos, de diversos tipos de massa, e de outras delícias gastronômicas - aromas entre os quais sobressai aquele inconfundível, o da mortadela, filha de Bolonha.

A cidade se apresenta com o seu tradicional cartão de visita: as torres pendentes da "Garisenda" e dos "Asinelli" (a primeira é chamada também de "La Mozza" - A Cortada -, já que foi construída em 1110 e permaneceu inacabada, enquanto a dos "Asinelli", de 107 metros, foi terminada em 1107). É possível chegar de elevador ao seu topo, onde se descortina o panorama da cidade, caracterizado pelo vermelho de seus telhados. Se o dia for de sol, você verá um contraste delicado das telhas com o azul puro do céu.

Bolonha está também repleta de preciosas obras-primas, que nos levam para épocas distantes. Seus palácios (o "Palazzo Pubblico", uma união de vários edifícios; o "Palazzo Nuovo del Comune" e o "Palazzo del Podestà", com sua torre coroada de ameias) se apresentam com suas linhas sóbrias, severas e despojadas, refletindo o caráter da gente da **Emilia-Romagna**, temperado pelo apego às tradições de independência cívica.

Uma impressão diferente é a que nos reserva a soberba basílica de "San Petronio", uma das mais belas e vastas da Itália, onde o papa Clemente VII, em 1530, coroou o imperador Carlo V. Na penumbra de seu interior, no silêncio de suas naves, os vitrais coloridos das amplas janelas difundem uma luz suave.

Também merecem a nossa atenção a basílica de "Santo Stefano" e a igreja de "San Domenico", que representam as primitivas igrejas cristãs da cidade. Nesta última, podemos apreciar a "Tomba" ou



O Palazzo Del Podestà, um dos vários presentes em Bolonha, a capital administrativa da Emilia-Romagna

"Arca di San Domenico", uma escultura de grande beleza, obra do escultor Nicolò Pisano.

Também não se pode deixar de conhecer a "Piazza Maggiore", uma das mais características praças da época medieval na Itália; a "Pinacoteca Nazionale", com pinturas do século XVI até o XVIII; o "Museo Civico Archeologico", com relíquias etruscas e da pré-história; o "Foro dei Mercanti", uma delicada construção gótica; e a "Fontana del Nettuno", obra-prima do arquiteto Gianbologna.

Rodando pela Emilia-Romagna

Seguindo pela Via Emilia, depois de 64 quilômetros encontramos **Faenza**, conhecida por suas cerâmicas. A cidade existe desde a época romana, e se desenvolveu ao longo da via Emilia, que a atravessa. Destruída por Frederico II em 1313, ressurgiu sob o governo do Estado da Igreja. O seu desenvolvimento urbano é reconhecível na área quadrangular do centro histórico, dominado pela Catedral - que possui, por sua vez, uma majestosa fachada na escadaria e três naves separadas por colunas em seu interior. Percebe-se a influência do grande arquiteto Brunelleschi, construtor da cúpula de Santa Maria del Fiore, em Firenze.

Outra joia arquitetônica é o "Palazzo del Podestà", edificado no século XII. Interessante e digno de uma visita atenta é o "Museo delle Ceramiche", um centro talvez único no mundo, que exhibe, junto com as obras mais preciosas do local, também obras de outros países.

Deixando de lado a via Emilia, entramos em uma estrada secundária, que corre paralela ao rio Lamone. Depois de alguns quilômetros, surge **Brisighella**, agarrada a três contrafortes rochosos. É um burgo que conserva preciosos testemunhos da época medieval.

Parece que a área onde surgiu já era habitada no período romano, mas a data de sua fundação, aproximadamente 1100, é a época da qual sobrevivem vestígios como a "Rocca" e restos de fortificações sobre os quais foi edificada a "Torre dell'Orologio".

Os bairros mais antigos se encontram em uma posição elevada, enquanto as expansões urbanas mais recentes se estendem pela planície. O centro medieval, que é o que nos interessa, encontra-se em volta da Piazza Marconi, com a singular "Via degli Asini" (Rua dos Asnos), abrindo-se em meio a uma série contínua de amplas janelas em arco. Nada mais é que uma rua com cobertura e piso de pedras irregulares. A rua deve esse nome curioso graças aos asnos que antigamente transportavam o gesso extraído das cavas nas proximidades.

Entre os edifícios de Brisighella que merecem uma visita, há as igrejas de "San Francesco", "Santa Croce" e principalmente a "Pieve di Tho", cujo nome deriva da contração de *octavo*, já que se encontra na oitava milha da estrada romana que ligava Faenza à região toscana. No local da construção da igreja - erigida em forma de basílica, aliás, uma pequena joia da arquitetura românica -, havia, antes do ano 1000, uma estação romana de trânsito.



Erguida sobre ruínas de fortificações antigas, a Torre dell'Orologio é um dos principais pontos turísticos da cidade de Faenza

Para encerrar nosso passeio por Brisighella, não podemos deixar de conhecer o "Museo del Lavoro Contadino" (Museu do Trabalho do Agricultor). Em uma época em que desapareceram elementos seculares da paisagem agrária, os moradores da cidade quiseram descobrir uma autêntica cultura material que nascesse da planície e do trabalho na terra. Dessa história ficou esse museu, com 14 salas onde são expostos instrumentos do trabalho no campo e no artesanato, e recriados ambientes como uma cozinha do século VIII e uma do início do século passado, além de um quarto de dormir. Há também salas destinadas à tecelagem, à produção do vinho e à extração do gesso.

A próxima cidade a visitar é Forlì, onde entramos em uma estrada que leva diretamente a Ravenna, última etapa desta viagem. Uma placa de sinalização avisa que estamos nos aproximando da "Terra del Sole". Na praça desse pequeno centro, encontram-se a igreja e o severo "Palazzo dei Commissari".

A ideia de construir, em 1564, uma cidade ideal, veio a Cosimo I, dos Médici, personagem que, além de escolher pessoalmente o local, deu-lhe também o nome que correspondia aos seus ideais humanistas: *Eliopolis* (Cidade do Sol). Mas logo ela se transformou em Terra del Sole e foi projetada pelo arquiteto militar Baldassarre Lanci.

O burgo, apesar das demolições para a passagem de uma estrada, é ainda uma preciosidade da arquitetura toscana, tendo sido encaixado em um sistema de muralhas para resistir aos ataques de fora. É, pois, uma cidade-fortaleza, nos mesmos



No interior da
basílica de
Sant'Apollinare,
de construção
datada do século VI,
estão mosaicos dos
mais esplendorosos
da Itália

moldes de Santa Barbara, em Siena, também construída por ordem do mesmo Cosimo I. A planta é retangular, com dois bairros de 36 residências cada um. Todavia, mais interessantes são os palacetes, pequenas fortalezas destinadas a residências especiais: uma para o capitão das milícias, e a outra para o comandante da artilharia.

Ravenna - parada obrigatória

Deixando a "Terra onde o Sol mora", depois de alguns quilômetros avistamos **Ravenna**. Logo percebemos que ali se respira um ar diferente, algo que não poderíamos definir, e que ao mesmo tempo impõe respeito. Ravenna, fundada pelos *tessalos*, entrou na órbita do Império Romano quando o imperador Augusto construiu o porto de Classe, base da esquadra naval romana do Mediterrâneo meridional.

Na alta Idade Média, Ravenna foi sucessivamente a capital do Império Romano do Ocidente (desde que Onório, pouco seguro em Roma, transferiu a sede imperial para lá, quando a cidade foi chamada, então, de "Roma do Baixo Império"); do povo dos Erulos, com Odoacre, em 476; em seguida dos ostrogodos de Teodorico; e por fim dos greco-bizantinos, que dela fizeram o *Esarcato* de Bizâncio, em 568.

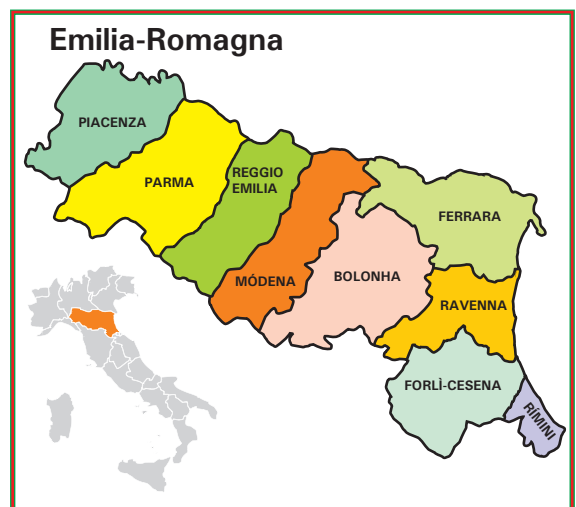
Todas essas civilizações, que em tão curto período de tempo se sucederam nessa pequena cidade, deixaram vestígios, fazendo de Ravenna um lugar único do ponto de vista histórico e artístico. A Unesco considera "patrimônio da humanidade" vários monumentos e igrejas de Ravenna.



É em Ravenna,
cidade que contém
vários monumentos
e igrejas considerados
'patrimônios da
humanidade', que
está a tumba de
Dante Alighieri

DanteCultural

Começamos então visitando o "Mausoleo di Galla Placidia", construído em forma de cruz latina com cúpula. Seu interior é decorado com primorosos mosaicos, resplandecentes nas cores azul e ouro. O "Mausoleo de Teodorico", construído no século VI, e no qual se fundem os estilos romano e barroco, tem como telhado um monólito de 33 metros de diâmetro com peso de 300 toneladas. As basílicas de "San Vitale", de "Sant'Apollinare in Classe" e "Sant'Apollinare Nuovo", construídas no século VI, apresentam os mais esplendorosos mosaicos da Itália. Uma visita mais cuidadosa deve ser reservada para San Vitale, já que, além de ter sido definida como "linda como um sonho oriental", tem sua planta igual àquela de Santa Sofia, em Constantinopla. Seus mosaicos, mais que grandiosos, são sublimes, como as duas composições laterais ao altar principal, que mostram o imperador Justiniano e a imperatriz Teodora, acompanhados por seus cortejos. Estão também incluídos como "patrimônio da humanidade" a "Cappella Arcivescovile", o "Battistero Neoniano" e o "Battistero degli Ariani". Para encerrar este nosso giro, não poderiam faltar os museus. Imperdível o "Museo Nazionale", com relíquias dos períodos romanos e cristãos primitivos, e a "Accademia delle Belle Arti", onde está exposta, entre várias obras, a pedra tumular com a escultura de um guerreiro em repouso: trata-se de Guidarello Guidarelli, morto em 1519. Essa obra, esculpida por Tullio Lombardi, se encontrava na Igreja "di San Francesco", mas foi removida por despertar uma estranha fascinação nas mulheres (principalmente aquelas de origem nórdica), que não resistiam ao impulso de abraçar e beijar a estátua. Termina, enfim, nosso passeio pela **Emilia-Romagna**. Como vimos, essa região, mas principalmente Ravenna, foi palco, no decorrer dos milênios, do desfile de múltiplas civilizações: da romana à ostrogoda; da greco-bizantina à longobarda. Foram povos que se fundiram com a população local, criando a liga que hoje compõe essa parte da nação italiana. E é Ravenna, também, o sepulcro do pai da língua italiana: Dante Alighieri.



GOSTARIA DE ESTUDAR NA INGLATERRA E AINDA NÃO SABE COMO FAZER?



ENGLISH FOR JUNIOR



ENGLISH FOR BUSINESS

Nós da LGI
sabemos!



ENGLISH
FOR SENIOR



ENGLISH
FOR FAMILY



UNIVERSITY
PREPARATION

WORKSHOP

"Intercâmbio na Inglaterra,
o que é preciso saber?"
Ago/Set em São Paulo.
Confira e inscreva-se pelo site.



A agência que estava faltando!

LONDON GATEWAY INTERCÂMBIO
Planejamento de Estudo e Viagem ao Reino Unido

SP tel.: 11 2283-1077 e sede Londres tel.: +44 20 8487-8383

email: info@london-gateway.org

skype: LondonGateway

www.london-gateway.org



Por Silvana Leporace

Artigo

Bom senso e posicionamento

Onde foi parar o bom senso das pessoas? Acredito que essa pergunta seja feita diariamente por muitos de nós, pelo que vivenciamos em todas as esferas do nosso cotidiano. Presenciamos cenas nas quais chegamos a duvidar do que está acontecendo e a descreer da maneira como as pessoas agem.

Observando a rotina de nossos filhos, também precisamos refletir se estamos usando o nosso bom senso não só para ajudá-los a serem autônomos, a discernirem entre o certo e o errado com clareza e segurança, a saberem defender suas ideias, mas para julgar se eles estão caminhando para a maturidade com autogoverno - levando em conta as suas necessidades e as dos outros. Essa reflexão precisa acontecer, porque, com as mudanças sociais que estão ocorrendo, com o excesso de informações que recebemos, com a confusão nas hierarquias e nas relações de autoridade, não sabemos, muitas vezes, o caminho a seguir.

Em outras situações, deixamos de levar em conta a fase de desenvolvimento em que a criança se encontra e delegamos decisões a elas (que ainda não estão preparadas para assumi-las) em nome de uma liberdade de escolha bastante questionável. Ao mesmo tempo, em outras decisões que elas poderiam gerenciar com tranquilidade, os adultos interferem de uma maneira pouco recomendável,

chegando até a assumir o lugar da criança na situação. Exemplo extremo dessa postura está em questionar o coleguinha do filho em conflitos corriqueiros que fazem parte do dia a dia da criança, impedindo, assim, o crescimento dela por lhe tomar a atitude e a iniciativa, e até fazendo com que ela pense que não tem condições de resolver suas dificuldades.

Com os adolescentes, a situação é semelhante. A

cobrança do cumprimento das responsabilidades, com relação, por exemplo, à escola, deveria ser feita sistematicamente. Mas nem sempre isso acontece, pois muitos pais temem exercer a autoridade, acreditando que isso irá enfraquecer seus laços afetivos com o filho. Não podemos nos esquecer, porém, que o modo de ser das crianças e dos adolescentes é construído na interação com os adultos. Os filhos precisam aprender, e aos pais cabe ensinar.

Por isso, sempre

precisamos parar para pensar nas diferentes situações e caminhos que surgem, usando o nosso bom senso tantas vezes esquecido, e nos posicionando em relação aos acontecimentos. Afinal, acreditar na formação das pessoas é acreditar que elas sempre poderão mudar a história para melhor.

“ Não podemos nos esquecer, porém, que o modo de ser das crianças e dos adolescentes é construído na interação com os adultos. Os filhos precisam aprender, e aos pais cabe ensinar. ”

Silvana Leporace é coordenadora do Serviço de Orientação Educacional do Colégio Dante Alighieri

Memória

Centro de Memória do Colégio Dante Alighieri



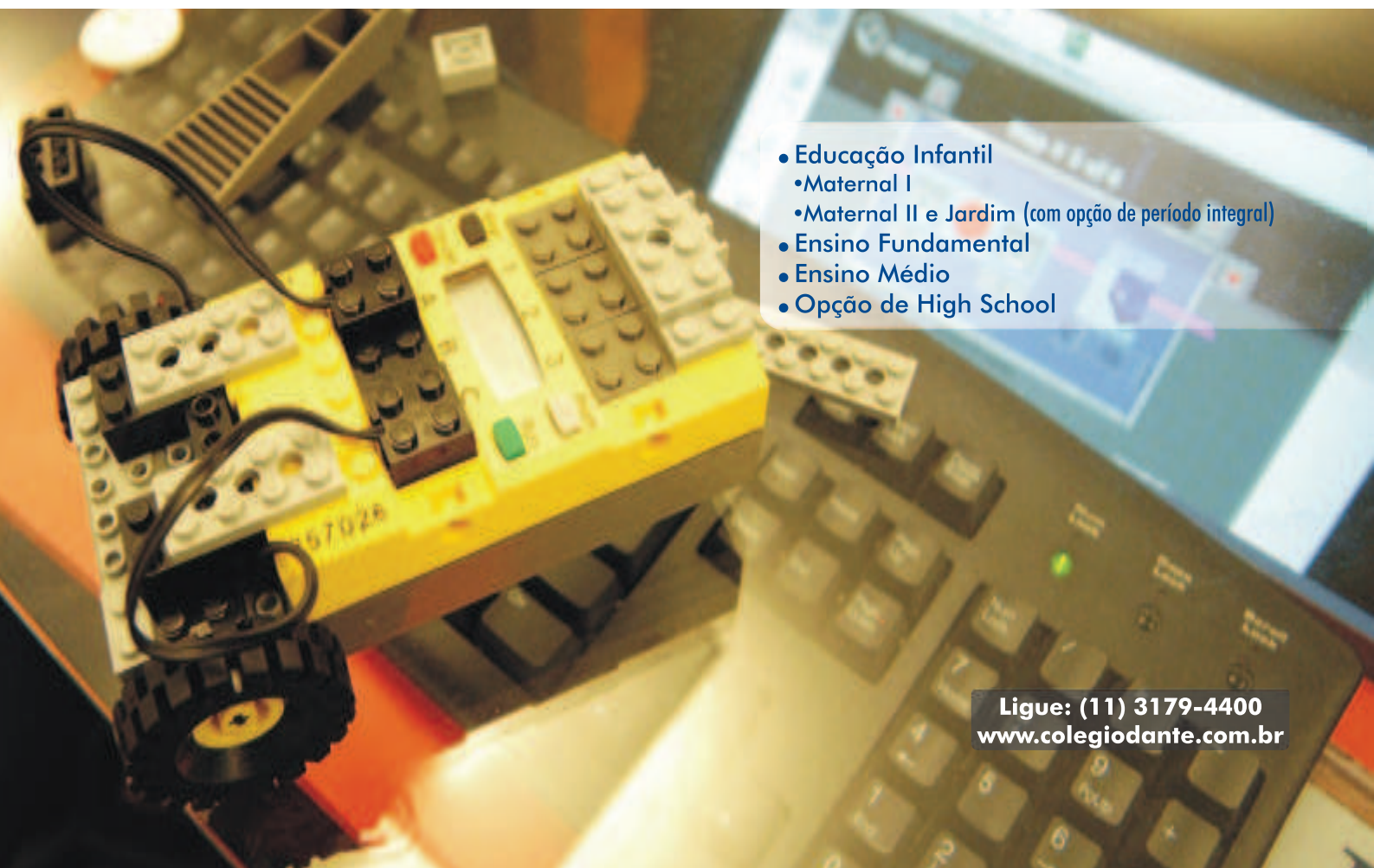
João Florêncio

No início da década de 1950, a festa junina ainda contava com a participação dos estudantes mais velhos, com direito a quadrilha e roupas típicas. Atualmente, o evento envolve a participação de crianças do Maternal I (da Educação Infantil) até os alunos do 2º ano do Ensino Fundamental I.



Imagens: NEWFACEPHOTOS

Bonito por fora. Moderno por dentro. Excelente no ensino.
Colégio Dante Alighieri: em uma só escola, o que há de melhor na educação.



- Educação Infantil
 - Maternal I
 - Maternal II e Jardim (com opção de período integral)
- Ensino Fundamental
- Ensino Médio
- Opção de High School

Ligue: (11) 3179-4400
www.colegiodante.com.br